

Professor Alfredo Bresser da Silveira

A 10 de Abril ultimo, victimado pela insidia de uma calculose biliar, desapareceu dentre os vivos, após vinte e cinco annos de uma vida publica sem tortuosidades e em extremo afanosa, o emerito educador que foi Alfredo Bresser.

Incontestavelmente um dos mais abalizados membros do professorado paulista, pertenceu elle á já historica turma de normalistas de 1890, que, ainda em Dezembro ultimo, commemoraram o seu jubileu pedagogico.

Competencia comprovadissima, dedicação apostolica e extremado amor á carreira abraçada, eis os traços caracteristicos, nitidos, inconfundiveis do grande amigo, do distinctissimo professor.

Em qualquer dos cargos ou commissões de que se viu á frente, foi elle sempre o mesmo: insinuante e esforçado, docil e resolutivo, chão e pertinaz — mascula silhueta, poderosa armadura em que se abroquelava aquella alma de paulista, á antiga. Assim sendo, pois, não é sem o mais profundo abalo que a *Revista de Ensino* vem cumprir o doloroso dever de aqui estampar-lhe o sympathico perfil.

O que foi o nosso homenageado como filho, irmão, esposo, pae e amigo, melhor do que nós o diz, a *uma voce*, todo o vasto circulo de suas relações sociaes; o que, porém, especialmente, foi elle como mestre, como educador eximio, já vem sendo proclamado, atravez de cinco longos lustros, por essas vinte e cinco gerações escolares que tiveram a felicidade de passar sob a luz carinhosa e bemfazeja de seus olhos.

Demais disso, mesmo officialmente, assim foi reconhecido e galardoado.

Companheiro dedicado, confiante sempre no progresso da escola paulista e na elevação da classe, foi um dos doze companheiros que, em Março de 1896, resolveram cotizar-se para publicar *A Escola Publica*, e, mais tarde, em 1901, concorria também, como socio fundador, para a instalação da Associação Beneficente do Professorado Publico, de que era socio remido.

Tendo tomado parte activa na vida de nossa util Associação, occupava actualmente o cargo de seu vice-presidente.

Justissimo era, pois, que não deixassemos nós de aqui prestar esta embóra pequena mas sincera manifestação de pesar, estampando, como fazemos, a inesquecível physionomia de tão distincto quão esforçado e meritoso educador.

O professor Alfredo Bresser nasceu nesta Capital, si não nos falha a memoria, a vinte e cinco de Março de 1872, e era filho de um consorcio de virtudes que se chamaram Exm.^a Sr.^a D.^a Clara A. Bresser da Silveira e Manoel Francisco da Silveira, já fallecidos.

Isso permite-nos dizer, entre parenthesis e paraphraseando o proloquio popular, que elle «saiu aos seus», ao que, porém cumpre-nos acrescentar: honrando-os, nobilitando-os ainda mais, si possível, a golpes de trabalho, de dedicação, de pertinacia e de bondade.

Fallecendo, aos quarenta e quatro annos, relativamente moço, ainda não pouco se poderia esperar d'elle, dada a sua reconhecida e tenaz operosidade.

Casado, ha cerca de treze annos, com a distincta professora, Exm.^a Snr.^a D.^a Julieta Fagundes B. Silveira, deixa do seu enlace matrimonial quatro promissores rebentos, sem duvida, a esta hora, a esperança unica da desolada companheira. . .

Em nome, pois, da *Revista de Ensino*, e no meu proprio, aqui fica, com o desalinhado da phrase, o mais sincero preito

de nossa admiração, diante da imperecível memoria de tão distincto e estimado Collega.

Certo que, á partida dessa alma chã e sem jaça, desse puritano que foi Alfredo Bresser, certo, repetimos, a palavra empallidece inexpressiva, a penna vacilla e, hirta. . . apenas pôde, a custo, pontilhar as interminaveis reticencias da mais acerba e indizível dôr!

Aos seus, á Instrucção Publica Paulista, os nossos mais sinceros pezames.

19-4-1916

R. L.

Maria José da Cunha

Santinha

Maria José da Cunha

19 - Janeiro - 1916

Maria
Maria Luiza da Cunha

Maria José da Cunha

Santinha

AS PROMESSAS DO ESCOTISMO

Conferencia realisada no Salão Lyra

Transcripta das columnas do *Estado de S. Paulo*, do dia 9 de Abril findo, damos a seguir a conferencia realisada pelo distincto escriptor Amadeu Amaral, no Salão Lyra, nesta Capital.

A importancia do trabalho do laureado poeta, em cuja alma vibra forte o sentimento patrio, impõe-se pela sua actualidade e franqueza.

Em linhas nitidas, em conceitos rapidos, estão ahí definidos os principaes caracteristicos da nossa actual educação.

Tratando d'*As Promessas do Escotismo* — Amadeu Amaral traçou um brilhante capitulo, que todo professor deve ler e ponderar, pelo muito que se relaciona com a educação e preparo da mocidade.

Energico, com uma sinceridade digna de louvores, o distincto conferencista apontou sem reboços muitas das falhas e defeitos de nossa educação, indicando a rota a seguir para alcançar resultados que nos possam acobertar contra futuros desastres, motivados pela falta de um bem entendido patriotismo.

A *Revista de Ensino* pelo muito que deseja o progresso da educação, a elevação da escola e do mestre, transcrevendo a conferencia, espera que o professorado a leia e pondere com o interesse que ella merece pelos elevados conceitos que contem e pela largueza de vistas com que foi traçada.

« Meus jovens compatriotas.

Meus senhores.

Nunca se assistiu, talvez, no Brasil, a uma crise de pessimismo tão aguda, nem tão assustadora como a que atravessamos de alguns annos a esta parte. Os successos politicos da Republica, as difficuldades economicas e financeiras que temos experimentado, a rapida transformação dos costumes, vieram perturbando profundamente os espiritos e ensombrando as consciencias, cada vez mais, num crescendo alarmante, e hoje, em todo este vasto paiz, para qualquer banda que nos volte-mos, não lobrigamos senão signaes de um enorme, de um doloroso, de um inquietador abatimento. Já se disse, com razão,

que somos um povo de desanimados e de tristes. Todas as manifestações do nosso sentimento, todas as nossas idéas, todas as nossas dissensões, — todas as expressões da nossa vida moral, numa palavra, desde que se refiram a assumptos do interesse collectivo, apparecem saturadas de amarga melancolia e de opaco scepticismo. Fugiram dos nossos ares, um a um, como aves perseguidas por um vento aspero de inverno, todos os enthusiasmos generosos, todos os impetos desinteressados, todos os sussurros e todos os clamores da alegria e da confiança. Murcharam todas as illusões amaveis que prosperam e fulguram em outros climas menos corrompidos, como lindas e melindrosas florescencias de uma vida mais alta, mais nobre e mais fecunda. E por toda a parte só medram e alastram, numa rusticidade tenacissima e prolifica de tortulho, de escalracho ou de tiririca, os egoismos bravios, as impotencias doloridas e superciliosas, os pessimismos ferozes, as crenças enfermas que só acreditam no mal, as caricaturas de esperanza que só esperam desastres, os enthusiasmos virados do avesso que se confundem com um furor vesanico de destruição, de achincalbe e de morte.

Todos vós sois espectadores desta triste realidade, e todos podeis dar testemunho de que não exagéro. E-se estado dos espiritos é tão geral e tão grave, que para constatal-o não é preciso sair do circulo das relações de cada dia. O mal estar é sensível, respira-se com o ar que nos cerca. Ninguem crê, ninguem confia, ninguem espera; e poris-o ninguem luta, ninguem ousa, ninguem se rebella, ninguem vae contra a onda, que tudo arrasta na sua elastica e soturna invasão de torrente de péz.

Esta psychose collectiva tem aspectos assustadores. A estagnação do patriotismo é um delles. Ausculte-se a alma popular, façam-se falar os individuos, interroguem-se velhos e moços, e verificar-se-á, consternadamente, que sumiu das almas tudo quanto constitue o vigor, a fulguração, a plenitude saudavel daquelle sentimento. O patriotismo, reduzido á sua essencia primeira, é apenas o amor espontaneo do torrão natal — affecto um tanto impreciso, quasi equiparavel ao apêgo instinctivo que prende os brutos domesticos ao canto onde nasceram e foram criados. Esse é o patriotismo-chrysalida, que dorme nos abysmos da inconsciencia, entre os povos primitivos, ainda incapazes de se elevarem ás grandes abstrações luminosas que fecundam o labor das fortes colmeias humanas, — e lá fica adormecido emquanto não se lhe acabam de entretecer as asas fulgurantes com que ha de romper o vôo em busca de espaço e de luz, e emquanto não lhe reponta no seio, como uma faisca,

o impeto frenético que ha de fazer vibrar essas asas. No Brasil, por influencias que não procuraremos explicar, a chrysalida se immobilizou no recesso das almas, prolongando o seu torpor muito além do que a normalidade permitiria. O patriotismo, em nossa terra, está limitado a esse vago apêgo instinctivo, obscuro e impotente, hesitante e mortiço. E' evidente a sua immobilidade. Socialmente, nada vale: não se inclue entre as forças de vária origem e intensidade que se entrecruzam, se entrecrocão ou se confundem no ambiente. Não é factor de coisa alguma.

Não se manifesta senão por palavras, e ainda assim raramente. Mas as palavras, em grande numero de casos, não parecem ter sido feitas senão para encobrir o que na realidade se sente e se pensa. O que vale são actos — e ha muito que nos deshabitamos de os ver traduzir, na vida publica, o verdadeiro patriotismo. Porque o patriotismo verdadeiro é um sentimento bem nitido, bem definido, bem flagrante, para que se possa confundir com outra coisa. Tem características originaes, que o distinguem da mesma forma que a corpulencia, as asas largas e fortes, o bico recurvo, a garra poderosa e o olhar flamejante extremam uma aguia de um pato ou de um papagaio. O patriotismo é amor, é orgulho, é aspiração e é esperança: tudo coisas que tendem para o alto, para a verticalidade, para a expansão, para a exuberancia, como os ramos do pau-d'alho ou do jequitibá se alongam a conquistar espaço e claridade. A ansiedade, o desejar constante, a actividade energica são as pulsações da sua vida. A fé inquebrantavel é a sua marca. A capacidade de sacrificio é a sua beleza. Aborda os grandes committimentos, acalenta os grandes sonhos, procura as grandes batalhas, e gosta de pairar muitas vezes acima do bom senso pratico, na região das sublimidades do pensamento e da acção, onde o pensamento e acção se integram no sonho e no extase, — como a aguia que demora nos pinheiros, solitaria e rebelde, e dos pinheiros arremette contra o desconhecido e o impossivel. No Brasil, onde as vibrações dessa fé ardente? Onde as actividades desinteressadas? onde os rasgos de sacrificio? Onde as audacias heroicas da coragem civica? Onde as lutas de idéas e de doutrinas? Onde resplendem esperanças? Onde canta sonoramente o orgulho nacional? Onde se acoitam as rigidas energias opiniaticas, pacientes, inquebrantaveis, transfiguradoras, que aguçam almas de eleição por outras terras, denunciando-lhes o relevo sob um clarão de religiosidade? Onde? Onde?...

Olhemos em torno de nós. Vemos eleições sem eleitores, lutas politicas sem partidos, o abandono das urnas, e o prestigio da autoridade publica a oscillar perennemente entre a louvami-

nha humilhante e a diatribe envenenada. Vemos uma incapacidade, que se diria absoluta, de agremiação, de associação, de entendimento e de esforço commum em torno de qualquer bandeira, de qualquer lemma, de qualquer objectivo superior: nenhuma liga, nenhum agrupamento, nenhum circulo, desses que enxameiam por outros paizes com mil intuitos diversos — propagar alguma doutrina, semear algum beneficio, preparar o terreno para algum melhoramento de ordem economica, intellectual, moral, civica, politica. O povo, alheio ás questões nacionaes, alheia-se igualmente, por completo, aos interesses da administração, com a qual apenas mantém as indispensaveis relações de dependencia, sem de nenhum modo lhe ir espontaneamente ao encontro para coisa alguma. A idéa de cooperação social desapareceu, como uma fantasia romantica, sob a piedade e o escarneo geraes. Vêde a instrução popular. Em toda a parte do mundo, os particulares intervêm largamente no assumpto, organisando a sua acção, parallelamente á do poder publico: florescem as associações propagadoras do ensino e mantenedoras de estabelecimentos dispendiosos, as confraternidades de estudantes, as ligas dos paes, as obras de protecção e assistencia aos alumnos, as bibliothecas, os cursos livres, as universidades populares, os serviços de instrução post-escolar. Aqui, não ha nada disto, — a não ser que se pretenda levar em conta, neste quadro geral, uma ou outra tentativa isolada, quasi sempre mal comprehendida, muitas vezes mal succedida. O contribuinte espera pela acção do governo, e se o progresso da instrução publica, mesmo em S. Paulo, corresponde aos desejos de todos os particulares, não se deve, entretanto, se não aos esforços de alguns homens publicos. E o que se dá com o ensino dá-se com tudo quanto, dependendo da administração, podia e devia depender tambem da collaboração desinteressada dos administrados.

A nossa literatura reflecte, evidentemente, essa condição dos espiritos. Os escriptores queixam-se com amargura da sua situação economica, no Brasil, comparada com a dos confrades estrangeiros. Na Europa, a actividade literaria tem um valor computavel em algarismos, como qualquer outra, e pôde constituir meio de vida: aqui, a regra geral é que seja um expoente de necessidade e um meio... de morte. Não discutamos essa questão. O que nos importa por agora é notar o seguinte: que, se no Brasil não ha producção literaria com valor commercial apreciavel, tambem não ha, em troca, nada que se pareça com a producção desinteressada, que abunda na Europa e na America do Norte, a par da outra. Lá, existe a literatura-mercadoria, a literatura que permite aos autores ter uma burra ao

lado da secretária; e aqui, não. Mas, lá também ha a literatura que se faz inteiramente fóra da esphera dos calculos financeiros: ha os livros dos pensadores desprendidos, que os lançam na certeza de não encontrar grandes almas, fortalecer alguns espiritos, — para edificar algumas consciências; ha os livros de fé, de ritos, illuminar algumas consciências; ha os livros de piedade, de apostolisação, de controversia, de sinceridades, de piedade, de amor, de revolta, lançados a lume por devoção a uma causa, por enthusiasmo doutrinario, por impulsos de humanitarismo, por confiança no poder das idéas, por descargo de consciencia, por necessidade de gritar convicções. Deses não o temos. E disto esquecem demasiado os que só enxergam, como elemento primordial de vitalidade literaria, o factor economico.

Por um livro de Euclýdes Cunha ou por uma pagina de Affonso Arinos repassada de preocupação, de sentimento, de internacionalidade "brasileira", temos milhares de inscriptos intercaracterísticos, sem nada que nos revelasse, á falta de uma assinatura ou de uma indicação typographica de procedencia, que foram feitos no Brasil, por brasileiros. E, o que é ainda mais triste, o que é mais sério e mais assustador, é que não pouca parte dessa produção de penna visa deprimir deliberadamente o paiz, exagerando a sua pobreza, a sua incultura, o seu desgo- verno, os seus vicios. Ha mesmo um certo proposito, do lado de grande numero de escriptores nossos, em denegrir e amesquinhar a propria nação em bloco, na sua composição ethnica, no seu destino. Aceitando, com estranha sympathia paradoxal docilidade, abstrusas theorias sociologicas de importação, mudaveis, incertas, sempre susceptíveis de rectificação, sempre ameaçadas de caducidade, quasi sempre eivadas de intenções estranhas ao puro interesse da verdade scientifica, proclamam a nossa racial inferioridade com tanta abundancia de argumentos e tanto calor, que se diria andarem orgulhosos de se haverem reconhecido cidadãos de uma patria fadada a perecer na sombra de uma irremediavel miseria...

Tal, em traços largos e frouxos, o quadro que se nos desvenda quando procuramos lançar um golpe de vista á situação moral do nosso povo. Tal o quadro vivo, dentro do qual vos achaez, meus jovens compatriotas, dentro do qual nos achamos todos, como elementos da sua composição total. Já deveis ter sentido uma vez ou outra, com irreprimivel magua, com instinctiva repugnancia, o contacto frio de tanto desencorajamento, de tanta indiferença, de tanta conformidade com a baixesa, de tanta fé supersticiosa na incontrastabilidade de todas as poten-

cias do mal. E' tempo de vos irdes premunindo contra a enfermidade.

Fala-se muito, fala-se a cada momento numa "crise do character". Não sei bem o que possa ser, na verdade, essa crise, e desconfio muito que tudo se reduza a uma simple phrase. Os grandes caracteres, absolutamente distinctos pela amplitude e pelo relevo são raros em toda a parte, e não escasseiam completamente em nossa terra. Virtudes bellas e tortes, das de melhor cunho e mais acendrado fulgor, florescem por ahí, entre cardos e pedras, pelos recessos de mil vidas obscuras. Gente honrada e boa, de uma só palavra e uma só fé, austera, generosa, prudente, justa, conheço-a eu, conhecemo-la nós, e não pouca. Homens probos e dignos, vivendo para o trabalho e para a familia, na ardua, exhaustiva disciplina do dever quotidiano, cada um de nós os tem na sua casa, ou na sua parentela, ou no circulo das suas relações particulares. Em que consistirá, pois essa "crise do character"? Não sei. O que é visível — e isto até certo ponto é um mal universal e de todos os tempos — é a predominancia social dos que sacodem de si os liames incommodos dos escrúpulos; e o que ha de particularmente nosso nesse phenomeno é que tal predominancia, ao contrario do que se dá em outros povos, não é contrastada pelos esforços conjugados dos bons e dos puros, é antes ajudada pela resignação, pela covardia, pelo comodismo, pelas mil formas de collaboração indirecta que a honestidade presta ao crime, julgando que se não diminue pela transigencia. Mas não ha necessidade de exagerar as coisas. Essa mesma sujeição ás forças corruptoras se explica, em parte, por exagero morbido de certas qualidades fundamentais do character brasileiro: a affectividade, o sentimentalismo, a brandura.

E tenho tocado agora, talvez, as proximidades do nosso mais profundo e mais malefico defeito: a molleza. O que mais nos fallece é a energia. A alma brasileira é frouxa. Nós não sabemos resistir com tenacidade nem avançar com perseverança. Somos dubios no bem como no mal. Temos o horror das attitudões francas, das responsabilidades arduas, dos empreendimentos penosos, das lutas longas e incertas. Todas as lacunas e todas as características da nossa literatura espelham essa frouxidão. Não temos theatro, porque o theatro só floresce nas sociedades onde a vida geral enrijou as almas, solidificou os caracteres, diversificou os destinos, e tornou por isso possiveis as situações patheticas ou tragicas, os conflictos de consciências e de vontades. O que predomina em toda a nossa literatura, no tempo e no espaço, é o lyrismo individual — e o que sobresa e nesse lyrismo é a melancolia, o pessimismo, o desencorajamento diante das rea-

lidades, a repugnância pela acção. Os poetas sonham recantos afastados do bulício mundanal, tranquillidades claustraes, esprenguimentos voluptuosos no seio da natureza. A natureza, na poesia brasileira, não inspira sinão idéas de liberdade indolente e pacífica, á sombra das arvores, á beira dos caminhos... — A politica depara-nos a mesma frouxidão sob outros aspectos. Desprezando casos excepcionaes, toda ella se pôde resumir numa palavra — transigencia. Toda ella se entretece de abdições. Os que conservam no geral naufragio um certo poder de vontade e uma certa dóse de resolução e de firmeza, são apontados a dedo como figuras estranhas e temíveis; e, ás vezes, todo o segredo do seu vasto dominio, diante do qual chegam a curvar-se os poderes do Estado, as legiões partidarias, o paiz inteiro, não está senão na simples capacidade de querer. Os homens de vontade forte vêm-se cercados de uma atmosfera de espantos, como thaumaturgos, como hypnotisadores, como bruxos. Dominam as massas com o prestigio do seu nome, governam os seus commandados com os olhos.

Se passamos a outras espheras, tudo continuará a confirmar o nosso enunciado. Não é só a politica que gira inteiramente á revelia da vontade popular. Todos os problemas collectivos ficam eternamente sem solução, desde que dependam dos esforços solidarios dos interessados. Não ha uma só classe organizada em vista de objectivos superiores ao interesse immediato e pessoal. Emfim, todos vós sabeis de experiencia propria que o typo médio do brasileiro, mesmo nas regiões onde nos gabamos de haver elle attingido um alto nivel de energia, pôde ser representado por um individuo desconfiado e tímido, constantemente preocupado em apagar todas as saliencias da sua pessoa como quem desmancha as rugas de um casaco mal ageitado, e constantemente mordido pelo desejo de ser considerado "bom rapaz", de não desgostar ninguém, de ser amigo de toda a gente. A sua propria linguagem, que fere a attenção dos estrangeiros, é caracteristicamente molle e hesitante. E todos vós tendes observado, de certo, como esse relaxamento de volição, como essa falta de firmeza se revela nas mais corriqueiras circumstancias da vida. Um sacerdote francez, o padre Gaffre, dedicando ao Brasil um livro de impressões de viagem, regista esta observação atilada e justa — de que, em nossa terra, as crianças costumam ser tratadas com taes extremos de ternura e de carinho, que são ellas, geralmente, que mandam dentro das casas. E' a pura verdade. E uma vez constatada essa verdade indiscutivel, não será superfluo insistir nas mais? E' essa molleza que explica a maior parte dos males de que nos queixamos. Della deriva, com transparente naturalidade,

esse desanimo que renuncia a todo idéal e a toda luta desinteressada. Ella envolve, evidentemente, essa depressão do patriotismo, para a qual chamei a vossa attenção. O patriotismo é um sentimento essencialmente energico e fecundo, mas não é um criador, é um transformador de energias. Se ellas não existem, elle decae e murcha. Permitti, meus jovens compatriotas, que eu insista nesta observação. Elementar e singela como é, ella é de summa importancia para a definição da attitude que devemos guardar diante do pessimismo e do máu patriotismo. Dizia-vos eu, ha pouco, que é tempo de vos irdes prenuindo contra a enfermidade que lavra pelo paiz. O primeiro cuidado a tomar é reconhecer que tanto o pessimismo como o patriotismo pervertido são efeitos de um mal mais profundo e mais geral.

Quando elles vos assaltarem na vida, quando os sentirdes ao redor de vós, em toda a sua malefica pujança, estareis de algum modo preservados do contagio pelo só facto de lhes conhecerdes a causa commum; e mais: podereis atacal-os na propria séde da sua triste vitalidade. Quando elles vos disserem que as miserias do presente são irremediaveis, que nenhum esforço regenerador vale a pena de ser tentado, vós direis com-vosco: — "Essas palavras de desanimo, não é a razão quem as dita, é a fraqueza. E' esta que tenta justificar-se, torcendo e colorindo á vontade as realidades exteriores, para que tornem logica essa attitude de indifferença e de indolencia. A pintura que ella faz das nossas mazellas parece fiel e perfeita. Ilusão. Essa pintura não seria o que é, não seria tão escura, tão triste, tão desconsoladora, se a mão que a traçou tivesse sido guiada por uma alma robusta e valente, capaz de desejos fortes, de aspirações altas, de energias saudaveis."

* * *

A nossa questão capital, portanto, é o problema da educação. A educação, no Brasil, — não é necessario que o tente demonstrar — é cheia de defeitos graves. E o seu defeito capital está em que, propondo-se formar caracteres, esquece demasiado o que ha de mais importante no character, a sua espinha dorsal — a vontade. Procura-se incutir no espirito dos educandos uma multidão de noções moraes elevadas e bellas, mas desdenha-se o unico instrumento capaz de dar um valor positivo a esse lastro. Idéas generosas e nobres, mas incapazes de se transformar em actos, servem apenas de atormentar as consciencias pelo sentimento doloroso da impotencia irreme-

diavel, agravam a timidez e a melancolia, e dão aos individuos o aspecto de sombras errantes e impalpaveis.

Come meio de reacção contra os processos educativos em voga, nada conheço mais pratico nem mais proficuo do que o escotismo. O escotismo, bem executado, convenientemente difundido, corrigirá, completará e coroará a educação do lar e da escola; e depois, pelo effeito incontrastavel das suas esplenidas provas, fará que se modifiquem as tendencias e os methodos actuaes daquella educação. A elle, pois, todos os holders de boa vontade devem as suas mais carinhosas sympathias. A elle, vós, escoteiros, deveis toda a vossa dedicação, todo o vosso entusiasmo, toda a vossa fé. Submettendo-vos alegremente á sua amavel disciplina, e pondo todo o vosso esforço em cultivar a vossa personalidade, para tornal-a mais válida, mais corajosa, mais confiante em si mesma, mais capaz de se conduzir galhardamente nas lutas da vida, estareis trabalhando, não para vós apenas, mas, positivamente, directamente, para a vossa terra e os vossos irmãos.

Em summa, que é o escotismo? Para bem comprehendelo, é conveniente recordar como nasceu esse admiravel movimento, que na Inglaterra se tornou num verdadeiro movimento nacional. O general Baden-Powell, durante a campanha do Transvaal, impressionou-se profundamente com a maneira pela qual os «boers» empregavam os seus adolescentes nos trabalhos auxiliares da guerra — reconhecimentos de terreno, observação dos movimentos do inimigo, transmissão de ordens, etc. Imitou-os. Criou o seu primeiro pequeno exercito de rapazinhos espertos, vivos, alegres e dedicados, que lhe prestaram excellentes serviços no cerco de Mafeking. E começou a pensar nas vantagens de uma educação viril e energica da infancia, pela pratica da vida intensa e aventureira, pela disciplina e pela acção commum, pela luta com os obstaculos da natureza, pelo exercicio physico, pelo cultivo da alegria, da serenidade, da paciencia, da coragem... Voltando á patria, chocou-o o contraste entre o seu ideal de belleza moral e a realidade que o cercava. Notou uma certa depressão da vontade, um gosto menor pela acção, e um amollecimento do orgulho nacional; notou que os seus compatriotas malbaratavam sommas enormes de energia physica e moral em lutas sportivas isentas de qualquer determinação superior; notou que havia menos amor do que outróra ao trabalho regular e augmentava a paixão pela caça aos lucros de acaso; notou, em geral, na vida quotidiana das cidades, um accrescimento de brutalidade e de impolidez, e tambem de effeminação e de «sensibilismo». Emfim, os seus olhos, com a clarividencia do amor, descobriram por todo o

organismo da velha e forte Inglaterra signaes de depauperamento e decadencia. E disse, — palavras textuaes: «O meio de refazer as nossas energias entibiadas nos é ensinado numa maravilhosa escola, nos postos avançados das nossas colonias: a escola da vida selvagem. Lá, o individuo se vê na contingencia, quer queira quer não, de ser um homem, e não um carneiro; abre o seu caminho, palmo a palmo, através da natureza inimiga, e se quer vencer, tem de conquistar o exito em plena luta.»

Foi então que começou a tomar corpo, no seu espirito, a criação genial do «boy-scout», destinada a purificar a caudal nas suas nascentes. Reaniu um grupo de rapazes em flôr, e começou a sua obra. Arrancou-os á monotonia e á indolencia dos habitos quotidianos, á estufa da cidade, ao contacto dos livros e jornaes nem sempre salutaes, á atmosphera viciosa dos cinemas, aos exemplos de baixaza, de egoismo, de brutalidade que por todos os lados se lhes deparavam; levou-os ao campo, fel-os saltar vallos e regatos, caminhar e correr, preparar ás arvores, galgar collinas e escarpas, apauhar muito sol, respirar muito ar puro; ensinou-lhes a nadar, a construir pontes rusticas, a installar apparatus de signaes, a estender linhas telephonicas, a encontrar o caminho perdido, a orientar-se de dia e de noite, a distinguir os animaes e as plantas, a reconhecer no chão os signaes da passagem de pedestres, de vehiculos, de bichos; a armar tendas, a construir cabanas, a fazer fogo, a cozinhar a comida, a curar os ferimentos e contusões... Tudo isto era um encanto, uma deliciosa tarefa, que illuminava a imaginação dos rapazes e lhes fazia vibrar o coração em fremitos de jubilo; dando-lhes a sensação viva e reparadora de que se tornavam mais fortes de corpo e de alma, mais potentes, mais capazes. Mas tudo isto seria ainda pouco sem uma regra estreita, sem uma disciplina rigorosa materialmente desses esforços, e que os coordenasse espiritualmente, dando-lhes uma significação e um objectivo. Então, em troca dos prazeres proporcionados, Baden Powell fez que os monitores e os chefes, durante os exercicios, no meio da actividade alegre dos rapazes, aproveitassem os incidentes para, sem longos discursos, sem exhortações pesadas, mas jo-vial e bondosamente, insinuar os seus conselhos, as suas advertencias, as suas lições. Esses conselhos, advertencias e lições ligar-se-iam todos á «lei do scout», uma lei breve e rigida, cujas infracções não se tolerariam em caso algum. Eil a, na sua singeleza despida de formulas:

- 1 — A palavra do «scout» é sagrada.
- 2 — O «scout» é leal.
- 3 — O «scout» tem o dever de ser util e de ajudar a outrem.

4 — O «scout» é amigo de todos e é irmão de qualquer outro «scout».

5 — O «scout» é cortez.

6 — O «scout» é amigo dos animaes.

7 — O «scout» sabe obedecer.

8 — O «scout» sorri e ssobia.

9 — O «scout» é economico.

10 — O «scout» é puro de pensamentos, de palavras e de actos.

Essa lei é imposta á consciencia dos rapazes por meio de um juramento solenne, que lhes dá o sentimento da responsabilidade voluntariamente assumida como um compromisso de honra.

«Prometto, sob minha honra, fazer tudo quanto me fôr possível:

1.º — Para cumprir o meu dever para com Deus e o Rei;

2.º — Para ajudar a outrem;

3.º — Para obedecer á lei do «scout».

Em summa, a obra de Baden-Powell, verdadeiro achado genial, pode ser um maravilhoso processo para a remodelação moral de um povo — desde que seja executada na maior extensão possível e em toda a sua pureza. E' a melhor cura de optimismo, de juvenildade e de energia que se pode applicar a um povo, como o nosso, onde todas as outras reservas de forças foram atacadas e destruidas pela proliferação tropical do pessimismo e do desanimo, que «chorando o mal collaboram com elle».

Na Inglaterra, este movimento, como ficou dito, se tornou verdadeiramente nacional. O livro de Baden-Powell — «Scouting for Boys» obteve um exito inesperado, colossal: attingiu, ultimamente, a 240 milheiros de exemplares. As maiores personalidades do paiz promptificaram-se a auxiliar com o seu prestigio e o seu esforço a linda cruzada. O publico, em geral, comprehendeu-a, cercou-a de sympathia, tornou-a facil. Em 1915, o numero de escoteiros britannicos orçava por 700.000. E em Julho desse mesmo anno, deante de um acampamento de 50.000 «boys-couts», installado nos arredores de Birmingham, o rei, enlevado, teve a visão da grandeza nova que se erguia, e exprimiu nesta phrase o seu justo contentamento e o seu orgulho: — «Deixem lá! A velha Inglaterra está de pé!»

No Brasil, onde os males apontados por Baden-Powell na sua patria nos apparecem decuplicados em extensão e intensidade, o escotismo não encontrou, até hoje, fóra do pequeno circulo dos benemeritos que o tomaram a peito, senão raros

entusiasmos passageiros e verbosos... O publico, em sua grande maioria, continúa a ignorar-lhe a significação, a desconhecer-lhe a utilidade, a não lhe vêr o objectivo collimado. Por isso, mais tenacidade e mais paciencia se tornam necessarias aos que lutam por implantal-o neste paiz. Fiéis ao espirito do escotismo, esses patriotas devem confiar sempre e perseverar apesar de tudo. Um dia, sem duvida, este povo que alguns espiritos interessantes julgam demasiado «entusiasta, imaginoso e poeta», se resolverá a ser o ultimo a adoptar em toda a largueza do seu territorio, e a amar com todas as veras da sua alma, essa cruzada alegre e luminosa como uma festa, fecunda e bendita como um immenso trabalho de lavoura.

Nesse dia, poderá algum compatriota nosso exclamar, com embevecimento, numa vibração de orgulho, semelhantemente ao rei da Inglaterra: — «Emfim, Patria! te pões de pé! Emfim caminhas, de frente erguida, sorrindo pelo sorriso innumerable dos teus filhos adolescentes, confiante nelles e em ti mesma!»

AMADEU AMARAL.»

Educação physica

Ao desenvolvimento de uma instituição qualquer, isto é, á effectividade da sua evolução progressiva, precedem as idéas, que precisam estar sempre em evidencia até que a sua transformação em realidade dê á referida instituição novos surtos compatíveis com o evoluir humano. — Dr. João Chrysostomo. — *Ann. Ens. de 1914.*

Os raros professores que têm publicado trabalhos sobre educação physica, submettem-se ao criterio de que a mais opportuna propaganda é a discussão de methodos e de planos, de sorte que aos novos itinerantes está sempre desvendado um caminho que deve ser, naturalmente, seguido.

Com este intuito, recolhi através de leituras e da propria experiencia o que me pareceu mais aproveitavel a um trabalho deste genero, e, estes elementos dispostos, preparava-me para esboçar methodos e planos, quando me occorreu uma idéa differente.

Pareceu-me, e hoje me parece effectivamente, que não ha a minima oportunidade em publicações de trabalhos sobre educação physica que vivem uma utilização immediata. Para que a oportunidade exista, é necessario que já se encontrem estabelecidas certas condições geraes reconhecidas indispensaveis pela maioria dos systemas e dos tratadistas. Na falta, é precisamente sobre o estabelecimento dessas condições geraes ou preliminares que devem convergir todos os esforços dos propagandistas.

Ora, o nosso aparelho escolar (perdõem-me a expressão) tal como está, apresenta a característica de não se prestar absolutamente á implantação de nenhum systema racional de cultura physica. Para evidenciar-o, façamos um raciocínio por analogia.

Si os estudos e progressos sobre methodos de leitura, por exemplo, são possíveis, é que a escola se presta perfeitamente a estas experiencias. Mas, imaginemos que em vez de ter no horario o tempo sufficiente diariamente e a hora propicia, a leitura dispuzesse sómente de uns poucos vinte minutos bi-semanaes, relegados para a ultima parte do periodo escolar, como a gymnastica. Seria possível, com taes condições, que algum

pedagogo viesse prégar as excellencias do methodo analytico ou se desfizesse em cuidados nos pormenores da sua processuação? Tenho que não, pois a todos seria palpavel o erro inicial, e sobre elle, necessariamente, convergiriam os esforços de todos os educadores.

Tal facto, que é de uma clareza crystalina quando se trata de materia sobejamente experimentada, como a leitura, é bastante nebuloso quando se visa um assumpto mal explorado — tanto que ha muita gente que julga plenamente satisfeitos os designios da educação physica só porque os programmas lhe consignam o nome e as meninas jogam *baschet-ball* nos dias de festa. Fitas, como diz o moderno *argot*.

A uma professora que um dia me pedira uma aula de gymnastica, eu respondi com toda a simplicidade: «É inteiramente inutil, minha collega. Enquanto não tivermos gymnastica diariamente, de manhã, os bons e os maus methodos são perfeitamente innocuos — por falta de intensidade.

Duas são as condições preliminares, imprescindiveis, para a execução de qualquer systema racional de cultura physica: a distribuição quotidiana dos exercicios e a escolha de uma hora propicia.

Hébert, no seu bello livro «*L'éducation physique raisonnée*», depois de expôr com rara clareza as diversas partes do seu methodo, enceta, nestes termos, um dos seus capitulos fixaes: «Todas as questões de educação physica estão mais ou menos sujeitas a controversias, mas ha um ponto em que todos estão de accordo: é que os exercicios physicos devem ser feitos diariamente».

Com varios fundamentos, commungam na mesma idéa, os melhores tratadistas, como Lefebvre, o brilhante propagandista do systema sueco; Heckel, o profundo conhecedor das molestias da nutrição e dos seus meios de cura pelo exercicio muscular; Demeny, o habil collaborador de Marey nas suas indagações scientificas sobre a mecanica muscular; o velho Lagrange e o proprio Hébert em todos os seus outros livros, notadamente na sua obra prima «*Guide pratique d'éducation physique*».

Heckel diz que as necessidades musculares são diarias como as dos outros aparelhos. É tão irracional propôr exercicios physicos bi-semanaes como o seria ir á privada duas vezes por mez ou sentar-se á mesa em determinados dias da semana.

A divisão bi-semanal para os exercicios physicos é uma herança quasi secular da gymnastica de Amoros e de Jahn, a

qual progressivamente deturpada, chegou aos nossos dias resumida nos quatro aparelhos que Demeny chamou os fetiches da educação physica: a barra fixa, as barras paralelas, as argolas e o trapezio.

Lagrange disse que este systema é de concentração — de tempo e de espaço. Por mingua de locais vastos, crearam-se aparelhos que se accommodam numa sala e que dão a illusão de exigir um grande consumo de energia. Si os alumnos de- vem fazer durante a semana uma determinada somma de es- forços, pôde-se, mathematicamente, concentrar esses exercicios, e, em vez de dal-os em seis vezes, dal-os em duas sómente.

Demeny mostra que é illusoria esta pretendida concentra- ção. A illusão vem do grande esforço que o individuo realiza, mas este esforço origina-se da desproporção entre os motores — os braços, e a massa a levantar — o corpo. O mesmo indi- viduo que faz um exercicio violento para galgar dez metros de corda, subirá esta mesma altura, perfeitamente tranquillo, com auxilio das pernas.

No systema citado exercitam-se quasi que exclusivamente os braços, nos modernos systemas os exercicios das pernas, (marcha, corrida, saltos) tomam uma parte preponderante. Ora, se quizessemos concentrar tres lições do methodo natural de Hébert, numa unica lição, deixaríamos o gymnasta literalmente estropeado. Seria como o individuo que quizesse absorver tres refeições de uma só vez. E' que ahí a ração é realmente a exigida para um dia de vida — não pôde ser accumulada.

Ha ainda uma razão muito clara que eu não li em nenhum auctor, mas que me parece ser muito verdadeira: E' que o estado actual da vida, da civilização, dá uma importancia pre- ponderante ás funcções do systema nervoso. Conhecemos indi- viduos que nunca frequentaram escolas, que nunca fizeram uma cultura systematica da intelligencia, que são analphabetos, e que, entretanto, raciocinam bem, manobram bem os seus ne- gocios e as situações diversas da lucta pela existencia. Do ponto de vista do physico, porém, isto nunca se dá. E' que a vida actual é um exercicio constante para a intelligencia. Na vida selvagem dá-se justamente o contrario. O individuo é natu- ralmente um athleta sem nunca ter pensado em fazer as piruetas da sueca.

Por consequencia, é muito mais logico descurar-se na escola algumas das disciplinas do que a gymnastica. Na propria es- cola e na vida, o individuo encontrará sempre occasião de exer- citar a sua intelligencia, enquanto que raramente poderá pôr em exercicio os seus musculos.

Deduz-se desses factos que, por necessidade natural, assim como por necessidade social, a escola deve dar exercicios phy- sicos diarios aos seus alumnos e diariamente deve consagrar-lhes o tempo sufficiente.

A escolha do tempo propicio é um outro principio. Ha ho- ras no dia em que o exercicio physico é simplesmente nocivo. Todo mundo sabe do antagonismo entre o trabalho da digestão e o trabalho neuro-muscular, mas ha outros antagonismos. Em geral, o nosso organismo apresenta uma synergia complicada: tem de satisfazer uma porção de órgãos, mas não pôde satis- fazel-os todos ao mesmo tempo. A satisfação de uns exclue a de outros. Precisamos comer e fazer a digestão do que comemos — trabalho grande e lento que exige sangue em abun- dancia. E' claro que durante este periodo não devemos saltar, correr, jogar boxe, resolver problemas de mathematica, etc., porque tudo isto determinaria em outros pontos a congestão do precioso liquido, que devia estar agrupado em torno do appare- lho digestivo.

Comprehendem quasi todos este mechanismo, mas compre- hendem menos que qualquer que seja a função sempre ha um agente que trabalha — o systema nervoso; e que, se é illogico dar-lhe ao mesmo tempo uma porção de trabalho, é illogico tambem fazel-o passar de um trabalho para outro sem um re- pouso intermediario. Pensava-se até pouco tempo que o exer- cicio physico era um derivativo dos estudos. Hoje sabe-se que não. Quer o individuo estude, quer faça exercicios physicos, quem trabalha é sempre o systema nervoso. O unico derivativo racional é o repouso. Sabe-se que o repouso produziu o effeito sufficiente pela volta do appetite de novas actividades.

Nas nossas escolas primarias e nas normas, sobretudo, faz- se justamente o contrario. Primeiro exgota-se o alumno com as lições que elle deve estudar de manhã e com as que deve re- petir em classe; depois, quando se o tem bem extenuado, en- viam-n-o para a aula de gymnastica. O alumno chega com as melhores disposições para o repouso. A cousa que mais o agrada no recinto é a immobilidade dos aparelhos, a tranquillidade do local. Fluctua-lhe pela imaginação o macio aconchego de um leito, de uma poltrona. O mestre diz, então: Vamos, rapazes, firmes! Imaginem se estão com disposição para ficar firmes. Se ha alguma dificuldade em escolher a hora propicia, creio que é bem facil ver, por este exemplo, qual é a hora que me- nos convém.

Todas as iniciativas em nosso paiz têm geralmente as suas raízes na Europa, com um pequeno trabalho apenas — o da accommodação. Tratando-se da educação physica, por exemplo, podemos perfeitamente colher os ensinamentos da França. A educação physica tem sido estudada ahí com rigoroso critério scientifico, e os trabalhos de Demeny, de Lagrange, de Heckel, de Hébert, etc., não encontram similares em todo o mundo.

O trabalho de accommodação neste ponto decorre da diferença de clima: Na França, o periodo escolar encontra constantemente uma temperatura amena. Entre nós, a canícula é a via de regra. São rarissimos os dias em que a frescura ambiente excita os nossos musculos; ao contrario, toda exposição ao grande ar excita appetites de sombra e de repouso.

Sendo assim, não vejo maneira de se encontrar uma hora propicia dentro do periodo escolar. Parece-me que a hora a escolher deve ser forçosamente extra-horario.

A solução é facil. O desdobramento dos grupos escolares, que se generalizou, diminuiu para os professores uma e duas horas de serviço. Que me conste, ninguém protestou contra esta diminuição. É muito natural, pois, que não protestem tambem contra a volta do antigo regimen. A escola pôde ganhar deste modo, sem nenhuma complicação administrativa, a hora que perdeu, a qual seria exclusivamente destinada á cultura physica.

Escolher-se-ia uma hora matutina, das 7 ás 8, por exemplo. Os alumnos teriam 40 minutos de exercicios e 20 minutos de repouso. Como de manhã a temperatura é fresca e convidativa aos desportos, e os alumnos se acham refeitos por uma noite de somno, teriamos o tempo optimo, aquelle em que o organismo tem verdadeiro appetite de movimento.

Propagou-se em nosso Estado o habito de jogar *foot-ball* á tarde. Ao cair do dia, rapazes e creanças entregam-se aos exercicios mais violentos. Poder-se-ia concluir que esta escolha toda expontanea, é a mais conveniente. Talvez seja engano. Pelo menos não é uma escolha determinada por exigencias physiologicas. A esta hora acha-se o organismo entregue á digestão do jantar, que é a refeição mais abundante, donde se conclue que os nossos jovens são candidatos á dyspepsias fataes. É verdade que alguns deixam o jantar para depois dos jogos, mas, é ainda um engano, porque, como diz Heckel, a boa digestão requer o repouso depois e *sobretudo* antes da refeição. A razão desta escolha é toda de ordem social: joga-se a esta hora por-

que todos estão mais ou menos desoccupados. É um aproveitamento, de resto, bem prejudicial.

Vê-se, pois, do exposto, quaes as duas condições imprescindiveis que a escola deve satisfazer já para que as discussões sobre educação physica se tornem aproveitaveis. Os outros melhoramentos virão naturalmente depois, suscitados pelo proprio funcionamento do aparelho.

Como meio proprio para despertar o gosto pelas questões de educação physica, nada me parece mais efficaz do que a exposição das taras physicas contemporaneas, e da noção da verdadeira belleza corporal. Serviram-se desse meio Demeny, Heckel, Hébert, nos seus notaveis tratados. De Demeny ha mesmo alguns cartões do *Museu Deyrolles* especialmente consagrados ao assumpto. Não creio que haja alguém que após a leitura das exposições desses auctores e da contemplação das gravuras com que illustraram os seus textos, não fique definitivamente convencido da enorme decadencia physica contemporanea, e não se considere um batalhador pela regeneração corporal do homem civilizado. Devia-se fazer imprimir alguns mappaes parietaes em que as diversas anormalidades physicas fossem fielmente illustradas. Ao lado desses aspectos contemporaneos alinhar-se-iam as gravuras da estatuaría grega como o mais perfeito modelo da belleza physica. A contemplação dessas gravuras, acompanhada de commentarios do professor, faria entrar pelos olhos a necessidade da cultura physica. Não ha ninguém que, esclarecido a respeito das taras, não sinta diante da *Venus de Milo* ou do *Discobolo* a feiura contemporanea. Não ha meio mais forte para se inculcar a noção da belleza hellenica.

Outro incentivo forte é a saúde, aliás o verdadeiro objectivo da educação physica. Serviam-se della com abundancia e grande sciencia os auctores enumerados. No dia em que tivermos convencido o homem de que a maior parte das suas doencas são causadas pela sedentariedade e pelo receio de se expor aos elementos, a educação physica terá ganho a sua causa.

Procedendo assim, teremos posto a educação physica no seu verdadeiro caminho e afastado della o engodo dos *sports*. O seu nobre objectivo não é fazer *goal*, desencaleando no peito da mocidade os impulsos das fortes paixões por cousas futeis e sem utilidade. A sua mira real é aparelhar-nos para a saúde e para a belleza.

O interesse dos *sports* é proprio da mentalidade infantil que, como demonstram os estudos sobre os jogos, tem imaginação e ingenuidade para sentir como reaes as tramas das suas puras concepções. O adulto cultivado e sensato desgosta-se facilmente destes engodos infantis. Desta sorte a perennidade do exercicio

physico, cuja necessidade se estende até a mais remota velhice, não fica assegurado.

E' preciso, pois, que ensinemos os verdadeiros objectivos da educação physica, e do seu valor decorrerá, naturalmente, o interesse que ella ha de despertar.

Como disse, porém, estas questões são secundarias. A necessidade imprescindível e preliminar é que se crie na escola um aparelho propício aos subsequentes progressos da educação physica — urge que lhe demos tempo sufficiente e hora adequada.

Pitangueiras, 15 — 2 — 1916.

EUDORO RAMOS COSTA.

BIBLIOGRAPHIA :

- Dr. F. Lagrange: *Physiologie des exercices du corps*. Alcan, éditeur, 6 fr.
- Dr. F. Lagrange: *L'Hygiène de l'exercice chez les enfants et les jeunes gens*. Alcan, éditeur, 4 frs.
- Dr. F. Lagrange: *L'Hygiène de l'exercice chez les adultes*, Alcan, éditeur, 4 frs.
- Dr. F. Lagrange: *La médication par l'exercice*, Alcan, éditeur, 12 frs.
- Demény: *Les bases scientifiques de l'éducation physique*. Bougault, 6 frs.
- Demény: *Mécanisme et éducation des mouvements*. Bougault, 9 frs.
- Demény: *L'évolution de l'éducation physique: l'école française*. Fournier.
- Demény: *Méthode positive d'éducation physique*. Paulin.
- Demény: *Éducation et harmonie des mouvements*. Librairie des Aumales.
- Hébert: *L'éducation physique raisonnée*. Vuibert et Rony.
- Hébert: *Guide pratique d'éducation physique*. 8 frs.
- Hébert: *L'éducation physique ou l'entraînement par la méthode naturelle*. 2 frs.
- Hébert: *Le code de la force*. Laveur, 4 fr. 50.
- Hébert: *Ma leçon type*. 4 fr. 75.
- Hébert: *Culture virile*. Oudin.
- Lefebure: *L'éducation physique en Suède*. 6 fr.
- Lefebure: *Méthode de gymnastique éducative (système suédois)* 5 frs.
- Dr. Heckel: *Culture physique et cures d'exercice*. Masson, éditeur, 40 fr.
- Dr. Heckel: *Les grandes et les petites obesités*.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Pelo ensino

I

Linguagem escripta

Professor ha oito annos, e director de um estabelecimento de ensino preliminar ha dois, tem sido sempre a minha preocupação constante, o meu sonho eterno de acordado, a uniformisação da LINGUAGEM ESCRITA em nossas escolas, disciplina importantissima, que pesa, com uma responsabilidade grande, sobre os hombros do educador consciente e digno da missão que exerce. Nesta disciplina se condensam principios excellentes de Moral e ensinamentos vivos de Hygiene e de Civismo.

Rabiscar um caderno — é falta de educação; sujar-o — falta de asseio; escrever mal e sem cuidado — falta de patriotismo!

E' animado por um dever sagrado de brasileiro, por um sentimento nobre de amor aos meus jovens patricios, e pensando auxiliar, com a minha pouca experiencia, a boa vontade e o talento dos meus collegas de magisterio, que me abalancei a publicar estas linhas, em prol do Ensino no meu Estado natal.

Nas palestras pedagogicas, realizadas no Grupo Escolar que dirijo, tenho aproveitado, vantajosamente, assumptos puramente praticos e de observação acurada. Ainda ha pouco, aproveitei a ultima reunião, para dar algumas ligeiras instrucções aos professores sobre a methodisação da Linguagem escripta em nosso Grupo. E tres foram as vantagens, tanto pelo lado pratico, ou puramente didactico, que resolvi dar á publicidade algumas

Instrucções geraes para o ensino da linguagem escripta

I — Os cadernos devem ter as suas paginas numeradas pelo professor da classe, para que a mesma pagina seja escripturada por todos os alumnos no mesmo dia, assignalando-se, com um traço colorido, a pagina respectiva, no caso do não comparecimento do alumno no referido dia. Dest'arte serão os cadernos concluidos uniformemente;

II — Os cadernos devem ser encapados, para que os alumnos se habituem, desde logo, á ordem e ao asseio;

III — Os trabalhos diários, que terão a data do dia em que forem feitos, deverão ser, escrupulosamente, corrigidos, em casa, pelo professor, que se utilizará, para tal fim, de lapis de cor ou tinta vermelha;

IV — A letra adoptada será rigorosamente vertical;

V — Serão dadas notas em todos os trabalhos, para estimular aos alumnos;

VI — Deverá ser cuidadosamente evitada qualquer raspadura nos cadernos;

VII — Os borrões e palavras riscadas devem ser punidos com diminuição de notas;

VIII — Os trabalhos feitos num dia, serão corrigidos escrupulosamente, em casa pelo professor, esclarecidos e discutidos os erros no dia immediato em presença dos alumnos, que deverão tomar parte activissima neste exercicio (verdadeira aula de critica), e passados a limpo, no terceiro dia, em cadernos apropriados;

IX — Os trabalhos passados a limpo devem ser revistos tambem em casa, pelo melos uma vez por semana, tendo então o professor occasião magnifica de corrigir a falta de attenção dos seus discipulos e dar-lhes optimas noções de Hygiene e Educação moral;

X — O professor esforçado escreverá no quadro-negro para occasiões opportunas, phrases suggestivas, como estas:

Quem raspa os cadernos, dá máu indício da sua educação.

Quem suja os cadernos, dá máu indício de seu asseio.

O caderno é o espelho em que se reflecte a educação do alumno.

XI — Os exercicios de ambidextria devem ser feitos diariamente, e em relação a todos os trabalhos graphicos.

O segredo do progresso no ensino desta materia é a ordem e a gradação criteriosa nos exercicios dados.

Para tal fim organisei um pequeno programma que servirá para todo o primeiro semestre:

CLASSES DE 1.º ANNO

Secção A — Cada alumno deverá ter o seu nome numa tira de papel, collada em papelão, em boa letra vertical, para cópias diarias;

Secção B — A mesma observação, caso não saibam ainda escrever os nomes os alumnos desta secção;

Cópias de sentenças, dando-se preferencia ás já estudadas na aula de leitura analytica, tendo o professor o cuidado de não dar palavras ou sentenças muito cumpridas;

Secção C — Cópias de sentenças, estudadas anteriormente; sentenças moraes ou de hygiene; cópias de pequenos trechos do livro de leitura.

O cabeçalho é indispensavel, para que o alumno escreva cada vez melhor o seu nome.

2.º ANNO

Cópias; dictados de trechos já copiados ou de palavras avulsas; sentenças com palavras conhecidas.

3.º ANNO

Dictados; sentenças com palavras extrahidas de lições anteriormente estudadas; pequenas descripções; bilhetes; exercicios praticos sobre separação de syllabas, formação do plural e feminino dos nomes.

4.º ANNO

Dictados; sentenças com palavras do livro de leitura — declarativas, negativas, imperativas, interrogativas, exclamativas, etc.; pequenas descripções; reproducções de historietas narradas pelo professor; exercicios praticos sobre separação de syllabas, formação do plural e feminino dos nomes.

Durante o primeiro semestre basta apenas isto.

Jahú, 20 de Fevereiro de 1916.

OSCAR LEME BRISOLLA.

Mas nós, no Brasil, ainda não tivemos o nosso Sarmiento: por isso a Argentina nos supera consideravelmente, estudado sob qualquer ponto de vista o seu progresso social e economico.

Pouco antes de explodir a guerra européa dizia um ministro inglez, lord Haldane: «De todos os problemas a serem resolvidos no paiz, não ha nenhum comparavel, pela sua magnitude assim como pela immediata influencia sobre o bem estar nacional e individual, ao da reforma educativa. Quando se estuda esse assumpto trata-se do que ha de mais fundamental, trata-se de questão que abrange e contribue para a solução de todos os outros problemas. Depois dos meios de subsistencia material, não ha nada que mais de perto affecte os fundamentos da vida social como a quantidade e a qualidade da intelligencia nacional. Della depende não só o successo economico como toda a aspiração que nutrimos por uma democracia mais perfeita».

Entretanto, apesar de que, estudando-se a quantidade e a qualidade da nossa intelligencia, de accôrdo com os dados estatísticos officiaes mais seguros, é de indigencia a nossa situação mental, é de inopia completa, não ha para esse assumpto a consideração devida, grave, profunda, o esforço incansavel, tenaz que elle devêra merecer por parte dos que orientam a nossa evolução administrativa.

As phrases convencionaes encobrem a vacuidade das idéas e a nullidade do esforço e do trabalho mental desenvolvido nesse sentido.

Lembremo-nos de que o Brasil inteiro está na mais lamentavel situação moral e material, porque nunca tratou absolutamente de educar a grande massa de sua população, porque sempre cogitou de tudo menos da cultura do grande numero de seus habitantes, só lhe merecendo cuidados a das classes privilegiadas; demos-lhe o exemplo a seguir velando carinhosamente pela mais ampla diffusão da cultura entre o povo paulista, empenhando no assumpto o melhor da nossa intelligencia, o mais tenaz e dedicado esforço.

MARIO PINTO SERVA.

BEM HAJA O OPTIMISMO DO SR. ASSIS BRASIL

« Os homens não têm a idade que mostram, mas sim aquella que sentem! » — disse o illustre compatriota.

O illustre sr. Assis Brasil dizia, um dia destes, quando o interpellavam em S. Paulo sobre o movimento da politica nacional, que não fóra elle que desertara a vida publica, mas sim a politica que o abandonára. Comprehedia-se nas suas meias tintas, na honestidade de suas reservas, a singular expressão do eminente democrata rio-grandense: s. exa. estava incompatibilizado com os processos politicos em voga.

Sabemos todos que essa lamentavel incompatibilidade vem de longe. A ultima vez que o sr. Assis Brasil tentou orientar e conduzir a opinião publica, moldando-a pelas suas aspirações, foi quando se reuniu a convenção que escolheu o sr. Ruy Barbosa candidato á presidencia da Republica, em opposição ao marechal.

Nessa assembléa, antes mesmo de se cuidar de escolher o candidato que devia ser contraposto ao marechal, o sr. Assis Brasil formulou o programma de um novo partido politico, cujo primeiro e mais fundamental postulado era a revisão. Falando agora, tantos annos depois, quando todos o suppunham sem a mais remota esperanza na salvação da patria pela regeneração do regimen, o intrepido campeão da democracia lamenta que a nossa inconsciencia politica tenha chegado ao ponto de proclamar a morte das eleições. Todavia, s. exa. ainda crê e espera. Fala como um moço, apesar de seus cabellos brancos, porque pensa « que os homens não são como as mulheres, que têm a idade que mostram, e sim aquella que sentem. Somos um minuto diante da eternidade, philosophou o dr. Assis Brasil, e tudo depende do que se colloca dentro desse minuto e da fracção vivida, e daquella que ainda nos resta ».

S. ex. está conformado com o lugar que occupa, uma vez que não pôde ser escoihido para o primeiro.

« Proclamei a Republica, disse, com sombras de melancolia, em Pedras Altas, lá no meu município de Cacimbinhas. Si o senhor quizer saber como se governa, afirmou insinuante o dr. Assis Brasil, vá até Pedras Altas : Lá não encontrará nenhum analfabeto e sim homens que falam melhor o Portuguez que quasi todos os barachareis formados que aportam por aquellas caminhos ! ».

Em seguida, voltando ao pittoresco, disse sua ex. : ha uma certa analogia entre as montanhas russas e as nações : a vertigem da queda impulsiona a subida. A tendencia é sempre para o progresso e as linhas que o desenham jamais são regulares.

Si o Brasil tiver a felicidade, mesmo sem eleições, de ter um presidente capaz, de ter um presidente que lute pela educação do povo e pelo desenvolvimento de nossas riquezas, será « ipso facto » uma nação livre e ha de progredir muito. Pena é que no estado actual os homens que poderiam salvá-lo sejam encarados pela maioria como verdadeiros visionarios sinão desequilibrados como o heróe daquela peça de Ibsen, « O inimigo do Povo », que teve um fim tão triste pelo facto de querer evitá-que a população bebesse uma agua transmissora do typho ».

Não se sabe porque, ha no fundo amargo do faiar do sr. Assis Brasil, uma essencia de optimismo confortador, que aromatisa o ambiente pouco tranquilizador da nossa politica. Bem haja esse optimismo !

Palestra

pela distincta professora, exma. sra. d. Laura Mello e Souza, por occasião da festa da Bandeira, no grupo escolar do Sul da Sé.

É de praxe que, na primeira parte de um discurso, isto é, no exordio, a pessoa escolhida para proferir a oração se considere a mais humilde, a menos competente para fazel a.

Isso que em geral obedece apenas a uma praxe, no caso actual corresponde a uma realidade. Como o Gama e com mais justiça poderei exclamar :

« Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal q'em mi se via
Me pôe o inelyto rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave ».

Com effeito, sómente a extrema benevolencia do muito digno director deste grupo, pôde explicar a immerecida escolha com que fui honrada por s. s. para falar na festa da nossa bandeira.

Pois vou tentar exonerar-me do encargo que, por audacia, tomei. Mas excuse-me o selecto auditorio adulto, a maneira por que vou fazel-o. Não farei um discurso : imaginarei tão só uma phantasia dirigida mais ás creanças que nos rodeiam do que ás illustradas pessoas que nos honram com a sua presença ; muito mais ás nascentes intelligencias pueris, ás quaes se destina esta commemoração civica, do que aos espiritos elevados e educados dos estranhos a esta casa.

É para ellas, as creanças, que falarei.

Peço licença.

No dia 15 do corrente, dia de festa nacional — estava eu observando o nosso querido pavilhão auri-verde, que balançava ao impulso suave da brisa, quando ouvi, de uma voz mysteriosa, estas palavras :

— Bom dia, minha filha dilecta, minha dedicada amiga e defensora.

Olhei em torno. Era muito cedo. A rua estava quasi deserta. Quem poderia ter dito aquillo ?

Surprehendida, eu pensava ainda no estranho caso, quando a mesma voz proseguiu:

— Não sabes quem te sauda? Eu sou a Patria Brasileira. Tu não me podes ver, mas eu estou aqui nas dobras desta bandeira, que é o meu symbolo.

Só então notei que, com effeito, a mysteriosa voz saía da propria bandeira nacional que a brisa agitava ainda.

— Minha querida Patria, respondi — acabas de me saudar como tua filha dilecta e tua dedicada defensora. Porque? Eu não sou nem posso ser tua defensora. Esses titulos caberiam ao Presidente da Republica, ao vice-presidente, a um ministro do Supremo Tribunal, a um senador ou a um almirante. Mas, eu — pobre de mim! sou apenas uma modesta professora de creanças pequeninas...

— Pois eu te saúdo de novo, disse a Voz da Bandeira. Eu sei bem quem tu és, e o que fazes. Mas, embora fosses grande ou humilde, illustre ou obscura, celebre ou absolutamente ignorada, desde que trabalhas com lealdade e perseverança, eu te saúdo como minha filha querida, minha dedicada amiga e defensora.

E' verdade que o Presidente da Republica resolveu ha dias ordenar uns trabalhos que vão fazer voltar a alegria e prosperidade a milhares de familias residentes no Ceará; mas é tambem verdade que um menino muito pobre, muito pobresinho lá em uma villa remota do nosso S. Paulo, passa noites e noites estudando para ser admittido numa Escola Normal, de onde sairá professor, para ensinar a centenas de patricios seus.

Ambos — o Presidente da Republica, e aquelle menino — ambos merecem a minha gratidão, porque trabalham pela Patria!

E' certo que o Congresso votou uma lei importantissima, que vae assegurar por muito tempo a situação economica do povo brasileiro. Mas, sei tambem que um pobre lavrador de Minas Geraes, está esgotando suas forças e sua saúde, para experimentar uma cultura nova, e isso tambem é trabalhar pela Patria.

Não ignoro que os Ministros da Justiça teem estudado e resolvido questões importantissimas em defesa da lei e do direito; mas, eu vejo tambem, lá muito longe, uma mãe carinhosa ensinando as primeiras letras ao seu filhinho, que será mais tarde um grande poeta, que vai escrever uma bella canção, que alcançará os corações das creanças, de Norte a Sul do Brasil.

Todos estes que trabalham, no mar ou na floresta, na officina ou na escola, no palacio ou na cabana, todos são meus filhos dilectos, meus grandes defensores.

Houve um momento de pausa. Eu estava pensativa. Depois a Voz da Bandeira falou:

« Si não comprehendes bem o que te digo, é porque talvez não saibas quem eu sou, ou antes, o que sou.

Não sou apenas uma porção immensa de territorio; não! Eu não sou unicamente um estado politicamente organizado! não!

Sou tudo isto e muitas cousas mais. Sou a terra onde teus antepassados viveram e onde teus filhos viverão.

Sou o teu passado e o teu futuro; as tuas creanças e as tuas esperanças, os teus sonhos e as tuas illuções. Sou estas cidades e estes sertões. Sou este céu cheio de estrellas; sou as florestas cheias de passaros, e o campo com suas flores silvestres. Sou tudo o que os meus filhos dilectos quizerem que eu seja. Porque si elles luctam e trabalham, sentir-me-ei forte, prospera, feliz; si elles esmorecem e caem no desanimo e na desesperança, tornar-me-ão fraca e desditosa. Sim!

Porque eu sou a Patria Brasileira; e a patria é o estadista resolvendo os mais graves problemas nacionaes, mas é tambem o modesto soldado que, lá na fronteira, zela pela integridade do paiz.

Sou o entusiasmo dos meninos que saudam a bandeira auri-verde; sou a prece da creança que pede a Deus a prosperidade de seus paes; sou a esperança que as mães extremosas depositam no futuro dos filhos; a Patria é nostalgia do marinheiro que passa mezes inteiros em mares longinquoas; é o canto do operario que, fatigado, mas tranquillo, regressa das officinas ao lar.

Pois que! Ainda haverá brasileiros que não sabem o que é a Patria, que não pensam, não luctam e não trabalham por ella?

Adeus! Vê esta bandeira; é o meu symbolo. Procura amar e honrar o pavilhão da tua terra. Esforça-te para que teus filhos, teus irmãos, teus discipulos amem como tu a bandeira estrellada do teu paiz. Adeus!»

E ao sopro da brisa suave, balançava-se o symbolo da Patria, a nossa linda bandeira auri-verde, estrellada como o céu verde, como as florestas de nossa terra.

Discurso

pronunciado pelo director do grupo de S. João da Bocaina, Augusto Pentecostes, por ocasião da entrega de diplomas aos alumnos que concluíram o curso este anno.

EXMAS. SENHORAS E MEUS SENHORES :

Não ha, com certeza, nenhum de nós que se não recorde, com a alma cheia da mais doce emoção, a historia phantastica da Lampada Maravilhosa de Aladino que, na meninice, nos fazia sonhar com palacios encantados, resplandescentes de pedrarias custosas . . .

Hoje, senhores, essa excelsa ficção das «Mil e Uma Noites» se transmuda em realidade, porque a lampada da sciencia, tão magica como a de Aladino, illumina com seus reflexos curus-cantes a larga estrada da vida pratica, guiando todos os povos para o progresso, descobrindo quasi todos os segredos da Natureza.

De facto, sob a influencia benefica da instrucção, os homens têm conseguido verdadeiras maravilhas em todos os terrenos. Aqui, á feição de grandes aguias, vêm-os cruzar o firmamento com os dirigiveis; alli, apparecem-nos os vultos gigantes-cos dos cientistas, resolvendo, no silencio dos gabinetes de estudo, os meios de tornar a vida mais commoda, mais pratica e mais protegida; além, admiramos as descobertas dos submarinos, dos raios X, do telegrapho sem fios . . . Silançarmos um olhar para o passado, evocando, por exemplo, os feitos heroicos dos intrepidos navegantes lusitanos, veremos que Portugal, no seculo XV, para acabar com as superstições que corriam no reino ácerca do Atlantico — o Mar Tenebroso — fundou a escola nautica de Sagres. Fundada a escola, o futuro estava preparado. D'ella saíram essas gerações de marinheiros e descobridores que enriqueceram de gloria a patria querida, descobrindo mundos, fundando civilisações . . .

De todos os povos que nos precederam não foram os guerreiros que nos legaram a maior somma de bens.

Dos chaldeus, dos phenicios, dos arabes, dos gregos e dos romanos, apenas aproveitamos o que elles deixaram no dominio da astronomia, da actividade commercial, da medicina, da arte e do direito.

Não temos nenhum entusiasmo pelas inumeras guerras e destruições da antiguidade. O que nos aproveitaram essas manifestações de força bruta e de barbarismo? Nada, absolutamente.

Entretanto, admiramos os phenicios por terem elles inventado ou modificado o alphabeto; os gregos, pelo seu genio artistico; os romanos, pelos admiraveis tratados de direitos que até ainda hoje são um sustentaculo da justiça. E' que o producto do pensamento é immortal. A prepotencia e a força não conseguem impedir a marcha do progresso.

Pois bem, meus senhores, sendo o cultivo do espirito um bem de inestimavel valor, nós, brasileiros, que somos um povo joven e fadado ao mais risonho porvir, devemos trabalhar á medida das nossas forças, para o engrandecimento intellectual da patria, mantendo-a sempre na vanguarda das nações cultas. Para isso é necessario que se propague a instrucção pelo povo, sem distincção de classe, para que todo o cidadão possa comprehender os seus deveres e amar, como diz Bilac, «com fé e orgulho, a terra em que nasceu».

O nosso Estado, meus senhores, não tem poupado esforços para desenvolver a instrucção publica, espalhando escolas por todos os recantos, afim de que os homens de amanhã, livres pelo raciocinio e pela integridade do caracter, contribuam para o renome da nação e lhe preparem dias prosperos e gloriosos.

Hoje, aqui em Bocaina, entre musicas e festae, alegrias e esperanças, o grupo escolar concede diplomas de habilitação aos alumnos que concluíram o curso este anno. Seja-me permitido pois, na qualidade de director do estabelecimento, dirigir aos senhores paes algumas considerações sobre as suas responsabilidades na educação da infancia. E' sabido que a grande obra da educação não consiste sómente em armazenar no cerebro da criança certa quantidade de noções scientificas: é preciso penetrar-lhe no coração, estudar-lhe as tendencias para o bem ou para o mal, afim de combatendo esta, dar maior desenvolvimento áquella. Ora, este trabalho immenso de instruir e educar, o professor não póde concluir sósinho. E' necessario que os paes repartam com elle as responsabilidades e o auxiliem em sua nobre tarefa.

Em alguns paises de autoridade pedagogica muito se tem escripto sobre a collaboração da familia no ensino, porque só ella poderá auxiliar a campanha contra os dissolventes vicios que acompanham o analphabetismo, imbecilizando gerações e gerações. Uma vez, porém, que os responsaveis pela educação das crianças se interessem pela sua formação, aconselhando-a

juntamente com os exemplos do mestre, a victoria do ensino será incontestavel.

Agora eu me dirijo a vós, alumnos que concluis o curso ! E' chegado o momento em que devemos nos separar ! Aqui estamos hoje todos reunidos. Ainda não navegastes pelo oceano revolto das paixões humanas, onde os homens, chocados pelo interesse, ás vezes se entredevoram como fêras ! Essa rêde de dificuldades que se chama vida pratica ainda não vos prendeu em suas malhas de ferro !

As vossas almas são puras como o perfume das flores, e os vossos corações são espelhos onde se reflectem todas as bondades ! Qual será o vosso destino ?

Para alguns talvez a Fortuna estenda os braços, e para outros não ! Mas, seja qual fór a sorte que o destino vos reservar, quer pobres ou ricos, poderosos ou humildes, patrões ou subalternos, infelizes ou amargurados, procedei sempre com honra e justiça, afim de vos tornardes dignos das lições que recebestes nesta casa !

A vida, como diz Mario Pederneiras, tem dois caminhos para um mesmo termo. » Um delles é facil, regular, direito e plano — é o caminho dos que não sabem quanto custa a vida : tudo lhes sorri. Outro, rude, cheio de espinhos e curvas, ás vezes nos consome a mocidade e a velhice « no extremo avanço de um pequeno passo ». Este é o caminho dos que lutam e soffrem em busca de um ideal, sem conseguir tranquillidade nem glorias na terra. Pois bem, meus meninos ! Si para seguir o primeiro, tiverdes que transigir com a vossa dignidade, mudae de rumo ! Segui sem hesitar o segundo ! Por elle não ireis sempre colhendo flores e, se as colherdes por acaso, talvez o espinho-inveja vos torture a alegria ! Mas, tambem, quando chegardes ao termo final, a vossa consciencia terá a doce consolação do dever cumprido.

Parti, meninos ! Os vossos mestres aqui ficam continuando a sua espinhosa missão de preparar os homens do futuro, e fazendo votos para a vossa felicidade e felicidade da Patria ! Adeus !

AUGUSTO DE CARVALHO PENTEADO

DIVAGAÇÕES

FESTA DAS AVES

« A protecção aos animaes faz parte da moral e da cultura dos povos ».

Victor Hugo.

A festa das aves, tão bella, encantadora, poetica, educativa e sabiamente instituida em as nossas escolas, pelo Exmo. Sr. Dr. Oscar Thompson, illustrado e digno director da Escola Normal de S. Paulo, não tem outro intuito que desenvolver, incutir e intensificar nos bondosos, sensiveis e innocentes corações das creanças, os delicados, nobres e puros sentimentos de ternura, meiguice e docilidade, carinho, amôr e protecção ás boas, inoffensivas e ternas avesinhas, essas timidias e humildes creaturinhas que habitam as nossas bellas, magestosas e esmeraldinas florestas.

Demais, as aves são animaesinhos inoffensivos, bondosos e uteis, pois concorrem poderosa e benêficamente para destruir milhares e milhares de insectinhos nocivos, que estragam as nossas plantações e sendo verdadeiro e terrivel flagello da lavoura, nos conduzem á fome e á miseria, em virtude do seu numero assaz consideravel.

« As aves, no conceito sabio e acertado da talentosa, brilhante e laureada poetisa D. Prescilianna Duarte de Almeida, da Academia Paulista de Letras, são o movimento, a vida, colorido, a harmonia, e, librando-se na vastidão immensa da atmosfera, são a imagem de nossa alma, quando se eleva nas azas da oração !

Ellas são os cantores sublimes que povoam as solidões e derramam a alegria e a suavidade pela terra ».

Para mim, as aves são a alegria do espaço, a poesia da natureza, e os seus melodiosos, suaves e dulçurosos cantos a musica do Universo !...

Ellas deslumbram as nossas vistas com as suas bellissimas, brilhantes e multicoloridas plumagens ; alegam e delicias os nossos ouvidos com os dulcissimos, ternos e maviosos gorjeios, ora repassados de alegria, impregnados de tristeza e entremeiados de saudades !...

Emfim, ellas são, com os seus harmoniosos, mellifluos e deliciosos cantos, a synthese de nossa alma alegre, tristonha ou saudosa!...

Ao assistir a solennidade da graciosa e suggestiva festa das aves, recordo-me, com o sorriso nos labios e alegria no coração dos argentinos e magistraes versos do inspirado e primoroso francez André Theuriet :

Salut, peuple heureux des oiseaux !
 Buveurs d'air aux ailes alertes,
 Ame et gaité des forêts vertes,
 Vous êtes des consolateurs...
 A chaque retour de l'année
 Votre musique d'hymnée
 Monte avec l'arôme des fleurs,
 Et sur la terre reverdie
 Votre amoureuse melodie
 Endort les humaines douleurs

As aves, como já disse o insigne e inspirado vate campineiro Benedicto Octavio :

São lindas joias, multicôres,
 Espaço em fóra a rutilar:
 Graceis nos prados, como as flôres,
 Bellas, nos céus, como o luar...

Para terminar, faço meus os versos do mesmo poeta que assim dizem :

Tambem, contentes festejamos,
 Bem como as arvores gentis,
 As meigas aves que ha nos ramos
 Das densas mattas do país...

Igarapava, 8-4-1916.

JOÃO T. DA SILVA BRAGA.

DIALOGO

— Oha esta pobre avesinha
 Como soffre na gaiola !
 Deixas presa a coitadinha
 Enquanto vais para a escola ?

— Gosto de ouvil-a cantar
 Noite e dia, tão contente. . .
 Dar-lhe-ei o almoço e o jantar
 Como Mamãe faz á gente.

— Mas isso não é bastante ;
 Ella precisa voar
 Para um logar bem distante,
 Onde a não possam pegar.

— Comprehando, sim, e hoje, sabes ?
 Ouvi dizer em bom soni :
 «Não deve prender as aves
 Todo o menino que é bom.»

— Então, demos liberdade
 A todas as avesinhas,
 Que são presas sem piedade
 Pela mão das creancinhas.

São Paulo, Abril de 1916

L. ROCA.

A LIBERDADE DAS AVES

DIALOGO

Para a « Revista de Ensino »

- J
- Apanhei um passarinho . . .
que bellezinha, meu Deus!
Dormia, calmo, em seu ninho,
contemplando o azul dos céus. . .
- Sua mãe lá não estava:
exposta ao rigor do vento
e da chuva, ella voava
para buscar-lhe alimento.

- E, quando voltar. . . não sei
o que fará de afflicção!
Eu fiz mal. . . eu fiz. . . roubei
da infeliz o coração!

- E verdade, meu amôr:
é mãe também a coitada,
e sentirá muita dôr
em sua alma torturada.

Tua mãe o que faria,
si, ao chegar, devagarinho,
ao pé de tua cama — um ninho —
fosse encontrá-la vasia. . .

e negra como a oppressão,
horível como a orphandade!

- Com tanta pena fiquei,
tanta dôr no coração
que logo, logo, o soltei
e elle voou pela amplidão!

- Vou também o meu soltar:
(abrindo a gaiola)
— Val, neste dia de festa,
teus irmãosinhos beijar
lá no seio da Floresta!

OSCAR BRIBOLLA.

Zizi e o cão

- « Você não sabe falar? »
pergunta Zizi ao cão;
e, com as mãosinhas rosadas,
acariciava ao Sultão

Pois, Sultão seu nome era;
nome bonito, não é?
E Sultão não se movêra,
pensativo e triste até. . .

- « Em que pensas, meu amôr? »
torna Zizi perguntar;
você, bem sei, não é máu. . .
Porque não queres falar?

E o cão, como si entendendo
as perguntas da menina,
ai! beijava-lhe, lambendo,
a boquinha pequenina.

Das « Poesias Infantis ».

O. BRIBOLLA.

NOTAS

Alfredo Bresser da Silveira

A dez de Abril ultimo falleceu inesperadamente, victima de rapida enfermidade, o distincto professor e que exercia actualmente o cargo de Director da Escola Profissional Feminina.

Alfredo Bresser da Silveira, tão cedo roubado aos affectos dos seus aos nossos affectos, foi um dos tantos que consagraram a sua vida, sua actividade e suas esperanças a dar corpo, a traduzir em factos, como obreiro paciente e dedicado, esse trabalho que se chama — Ensino Publico Paulista.

Modesto, jovial para com todos, com uma correcção inextinguível, elle desempenhou condignamente as funcções do mestre moderno, consciante e dedicado, superiormente orientado, dignificando sempre a classe do professorado primario que tinha nella um de seus ornamentos.

Socio fundador de nossa Associação, cujo caminhar sempre acompanhou com interesse, era actualmente o nosso vice-presidente.

A Directoria, fazendo inserir na acta de seus trabalhos um voto do mais profundo pesar, apresentou á Exma. familia as suas condolencias, associando-se ás manifestações realisadas em honra do extincto, cujo retrato orna as paginas de nossa *Revista*.

Victimado por insidiosa enfermidade, falleceu a 15 de Maio ultimo nesta Capital, o professor René Barreto.

Acompanhado por grande numero de amigos e collegas, o corpo do inditoso professor foi sepultado no cemiterio da Consolação, tendo sido depositadas sobre a sepultura grande numero de corôas, com sentidas dedicatorias, entre as quaes figurava a offerecida pelos Inspectores escolar, seus antigos companheiros.

Inspector escolar, professor de escolas complementar e lente na Escola Normal da Capital, René Barreto que em todos esses cargos, revelou sempre grande intelligencia, deixa viuva a Exma. Sra. D. Rita de Macedo Barreto, a quem a *Revista* apresenta seus pezames.

Escolas Profissionais da
Capital da Republica

Merece todo o louvor a actividade do illustre Dr. Azevedo Sodré, reformando, desde que assumiu a direcção do ensino publico da Capital Federal, todos os departamentos da instituição que, em tão boa hora, lhe foi confiada.

Ainda o mez passado deu uma nova e magnifica orientação não só á Escola Normal da Capital da Republica como ás suas escolas primarias.

Agora modificou completamente a organização das Escolas Profissionais, dando-lhes uma feição pratica, de que se pôde esperar os melhores resultados.

Abaixo transcrevemos o Regulamento que reformou as referidas escolas:

Decreto n. 1.066, de 19 de Abril de 1916

DÁ NOVO REGULAMENTO ÀS ESCOLAS PROFISSIONAES

O Prefeito do Districto Federal:

Usando da auctorização que lhe foi concedida pelo art. 42, letra a, da lei n. 1.730, de 5 de Janeiro do corrente anno, decreta:

CAPITULO I

Do ensino profissional — escolas profissionais

Art. 1.º O ensino profissional, mantido pela Prefeitura, tem por fim dar a pessoas de ambos os sexos a instrução technica necessaria para o exercicio de profissões em que possam com facilidade encontrar trabalho remunerador.

Paragrapho unico. Este ensino será primario, leigo e gratuito.

Art. 2.º O ensino profissional será ministrado;

- a) em escolas profissionais;
- b) em escolas de aperfeiçoamento;
- c) em institutos profissionais.

Art. 3.º As escolas profissionais, divididas em masculinas e femininas, funcionarão sob o regimen de externato.

Paragrapho unico. As escolas para o sexo masculino serão dirigidas e regidas por professores, e as do sexo feminino por professoras.

Art. 4.º Nas escolas profissionais o ensino será dado simultaneamente em dous cursos: a) curso de adaptação; b) curso profissional.

Art. 5.º O curso de adaptação nas escolas profissionais masculinas compreenderá:

- a) as matérias constantes do programma da classe complementar nas escolas primarias, com maior desenvolvimento dado ao estudo da physica, chimica, historia natural, hygiene, geometria e estereometria;
- b) modelagem e desenho profissional.

Art. 6.º Nas escolas profissionais femininas o curso de adaptação compreenderá:

- a) as matérias constantes dos programmes da classe complementar das escolas primarias, com maior desenvolvimento da hygiene e economia domestica;
- b) modelagem e desenho profissional.

Art. 7.º O ensino da instrucção primaria será dado em cada escola por um professor e tantos adjunctos quantos se tornarem necessarios, tendo-se em vista a frequencia e o gráo de adiantamento dos alumnos matriculados.

§ I. O ensino de desenho e modelagem será dado em cada escola por um professor e tantos adjunctos quantos se tornarem necessarios, tendo-se em vista a frequencia.

§ II. O numero de adjunctos de instrucção primaria e de desenho não poderá exceder de um para cada grupo de 30 alumnos matriculados.

§ III. O ensino da hygiene será feito por dous professores, sendo um para as escolas masculinas e outro para as femininas.

Art. 8.º O curso tecnico-profissional será dado em officinas, cujo numero e natureza ficarão subordinados á situação da escola, capacidade dos seus edificios e circumstancias outras que não podem ser prefixadas, variando de uma escola para outra.

Art. 9.º As officinas, de accordo com as respectivas affinidades, serão reunidas em secções, devendo o alumno, sempre que fór possível, percorrer toda uma secção, afim de completar a sua aprendizagem profissional.

Art. 10. Nas escolas masculinas serão constituidas as seguintes secções:

- a) secção «madeira»;
- b) secção «metal»;
- c) secção «folha de metal»;
- d) secção «couro»;
- e) secção «livro»;
- f) secção «pintura e trabalho de estuque»;
- g) secção «pedra, tijolo e cimento»;
- h) secção «tecelagem e fição»;

i) secção de pequena mecanica de precisão applicada a trabalhos em metaes preciosos, ourivesaria, relojoaria, apparatus scientificos de optica e acustica, balanças, etc.

j) secção «electro-technica»;

k) secção «agricola»;

l) secção de «palha, vime e bambú»;

Art. 11. Nas escolas femininas existirão as seguintes secções:

a) corte e feitto de roupas brancas grosseiras e de roupas para operarios;

b) corte e feitto de roupas brancas finas e de vestidos e roupas para senhoras e crianças;

c) bordados e rendas;

d) cintas e colletes;

e) flôres e chapéus;

f) lavagem e engommado;

g) cosinha;

h) arranjos e serviços caseiros;

i) avicultura e apicultura;

j) leite (fabricação de queijo e manteiga);

k) luvas e gravatas;

l) photographias;

Art. 12. Cada escola profissional terá as secções que puder comportar, de accordo com a sua situação e accommodações, devendo as secções ser installadas de modo completo, isto é, com todas as officinas que lhe disserem respeito.

Art. 13. A's escolas masculinas poderá ser annexo um curso nocturno de aperfeiçoamento para operarios que trabalhem em officinas particulares.

Paragrapho unico. Neste curso só serão leccionadas as seguintes materias:

a) portuguez e instrucção civica;

b) arithmetica e geometria industriaes;

c) desenho profissional;

d) tecnologia e contabilidade proprias a cada profissão.

Art. 14. A's escolas femininas poderá ser annexada uma secção commercial, abrangendo o ensino das seguintes materias:

a) correspondencia e contabilidade commerciaes;

b) dactylographia;

c) estenographia;

d) uma lingua viva, á escolha da alumna (francez, inglez ou allemão).

Art. 15. O ensino tecnico será ministrado por mestres e contra-mestres.

§ I. Haverá um mestre para cada secção e tantos contra-mestres quantas as officinas que constituirem a secção.

§ II. Na officina em que trabalharem mais de 15 alumnos será admittido um segundo contra-mestre.

Art. 16. Para a matricula no curso diurno de uma escola profissional exigir-se-á:

- a) idade maior de 15 annos e menor de 21 annos;
- b) certificado de approvaçao na classe média do curso primario de letras ou conhecimentos equivalentes, verificados em exame de admissao.

§ I. Na secção commercial só poderá matricular-se a alumna que exhibir attestado de exame final das escolas primarias ou conhecimentos equivalentes, verificados em exame de admissao.

§ II. A matricula far-se-á em qualquer dia util, a partir de 16 de janeiro;

§ III. Uma vez matriculado será o alumno inscripto na secção que preferir.

§ IV. O alumno do sexo masculino, que não tenha vindo de uma escola primaria, ou que nesta não tenha passado da classe média, só poderá iniciar o aprendizado profissional 6 mezes a 1 anno depois de matriculado. Durante este espaço de tempo elle seguirá o curso de adaptaçao e se adestrará no desenho e trabalhos manuaes, de accordo com os programmas das escolas primarias.

§ V. Só serão dispensados de seguir o curso de adaptaçao os alumnos inscriptos nas secções commercial, lavagem e engomado, cozinha, arranjos e serviços caseiros.

Art. 17. O curso completo numa escola profissional variará de 1 a 5 annos, conforme a secção escolhida pelo alumno.

§ I. A Directoria Geral de Instrucção Publica organizará e publicará programmas para o ensino nos cursos de adaptaçao e profissional.

§ II. Com referencia ao ensino technico, propriamente dito, serão organizados para cada secção tres programmas: a) tecnologia; b) desenho industrial; c) exercicios systematicos, methodicos e progressivos de aprendizagem. Nestes programmas a materia será subdividida pelo numero de annos que durar o curso na respectiva secção.

Art. 18. Cada escola profissional terá um horario de aulas e trabalhos organizados pelo director, de accordo com o inspector do ensino technico, os professores e mestres, e approved pela Directoria Geral de Instrucção.

Paragrapho unico. Este horario deverá attender ás seguintes circumstancias:

- a) os trabalhos da escola se iniciarão entre 8 e 9 horas da manhã e se encerrarão ás 4 horas da tarde;

b) haverá no meio do dia um intervalo de $\frac{3}{4}$ de hora para recreio e merenda;

c) as aulas de desenho se realizarão de preferencia pela manhã;

d) o numero de horas de trabalho de officinas deverá augmentar progressivamente de accordo com o adiantamento do aprendiz, levando-se tambem em conta o adiantamento do de adaptaçao;

e) nos sabbados as aulas se encerrarão ao meio dia, de das officinas e de todo o instrumental;

f) o dia de sabbado poderá ser aproveitado para excursões instructivas; uma turma, de alumnos mais adiantados, guiados pelo mestre, visitará uma officina modelo ou um estabelecimento fabril.

CAPITULO II

Das escolas de aperfeiçoamento

Art. 19. As escolas de aperfeiçoamento são destinadas exclusivamente aos adolescentes do sexo masculino, empregados na industria ou no commercio, e que queiram aperfeiçoar os seus conhecimentos profissionais.

Paragrapho unico. Ellas funcionarão sob o regimen do externato e obedecerão a dous typos:

a) typo industrial;

b) typo commercial;

Art. 20. Nas escolas de typo industrial serão leccionadas as seguintes disciplinas:

a) portuguez e instrucção civica;

b) arithmetica e geometria industriaes;

c) elementos de physica, chimica e historia natural, applicados á profissao escolhida;

d) desenho profissional;

e) tecnologia e contabilidade relativas á cada profissao.

Art. 21. Nas escolas de typo commercial serão leccionadas as seguintes materias:

a) portuguez e instrucção civica: geographia commercial;

b) uma lingua viva (francez, inglez ou allemão) á escolha do alumno;

c) correspondencia e contabilidade commerciaes;

d) dactylographia;

e) estenographia;

f) arithmetica commercial.

Art. 22. Na mesma escola poderão funcionar os cursos commercial e industrial.

Art. 23. O ensino será ministrado por professores e adjuntos, § I. Haverá um professor para cada disciplina, exceptuada a tecnologia; e tantos adjuntos quantos se tornarem necessários, tendo-se em vista a frequência.

§ II. Para o ensino da tecnologia e contabilidade proprias á cada profissão, serão contratados professores especiaes que só funcionarão quando houver uma turma de 15 alumnos, pelo menos, inscriptos, e só perceberão vencimentos quando funcionarem. O mesmo professor se encarregará do ensino da tecnologia dos officios que tenham entre si affinidades.

§ III. Os alumnos serão distribuidos por turmas de 10 a 25, no maximo, cada uma.

§ IV. Na divisão das turmas attender-se-á á natureza da disciplina e ao grão de adiantamento dos alumnos.

§ V. Cada professor leccionará 4 turmas em dias alternados, sendo duas em um dia e duas em outro.

Art. 24. A matricula nas escolas de aperfeiçoamento se realizará em qualquer dia util, a partir de 15 de janeiro.

Paragrapho unico. Para a matricula exigir-se-á:

- a) idade maior de 13 annos e menor de 18 annos;
- b) certificado de approvação na classe média do curso primario de letras ou conhecimentos equivalentes verificados em exame de admissão;
- c) autorização, por escripto, do chefe ou patrão em cuja officina ou estabelecimento commercial trabalha o alumno.

Art. 25. Cada escola de aperfeiçoamento terá um horario de aulas, organizado pelo respectivo director, de accordo com o inspector do ensino tecnico, e approved pelo Director Geral de Instrucção.

§ I. As aulas se realizarão pela manhã, das 8 ás 12 horas, e á noite, das 6 ás 9 horas.

§ II. O ensino do desenho será feito de preferencia pela manhã.

§ III. As aulas se iniciarão no dia 21 de janeiro e se encerrarão no dia 15 de dezembro, seguindo-se um periodo de férias.

Art. 26. O director da escola se entenderá com os gerentes das fabricas, chefes de officinas e patrões, no sentido de estabelecer uma certa união entre o ensino theorico, ministrado na escola, e a aprendizagem profissional, feita na officina particular.

Art. 27. O inspector do ensino tecnico visitará as casas commerciaes, officinas particulares e fabricas sitas na vizinhança

de uma escola de aperfeiçoamento, afim de verificar qual o numero de adolescentes empregados na industria e commercio e aconselhar os respectivos patrões a permitirem que elles se matriculem e consagrem duas horas consecutivas pela manhã, tres vezes na semana, para a frequencia da escola, sem prejuizo dos salarios que percebem.

CAPITULO III

Das institutos profissionais

Art. 28. A Prefeitura manterá dois Institutos profissionais, um para o sexo masculino — «Instituto João Alfredo» — e outro para o sexo feminino «Instituto Orsina da Fonseca» —, funcionando sob o regimen de internato, e destinados a dar educação e instrucção profissional a crianças desvalidas de ambos os sexos.

Art. 29. O «Instituto João Alfredo» admitirá meninos pobres maiores de 11 annos de idade e menores de 15.

§ I. Nenhum menino poderá permanecer no Instituto mais de 6 annos, e, igualmente, depois de haver completado 18 annos de idade.

§ II. Os meninos maiores de 17 annos, que hajam completado sua instrucção na profissão escolhida, serão desligados do Instituto que lhes dará um certificado de aptidão e comportamento.

§ III. O numero de internados no Instituto não poderá exceder de 500.

Art. 30. O Instituto «Orsina da Fonseca» admitirá meninas pobres maiores de 10 annos e menores de 15. O numero de internadas não poderá exceder de 250.

§ I. Nenhuma menina poderá permanecer no Instituto mais de 8 annos e igualmente depois de haver completado 18 annos de idade.

§ II. As meninas que tenham attingido 18 annos de idade serão desligadas, dando-lhes o Instituto um attestado de conducta e aproveitamento na profissão escolhida.

Art. 31. Destinados á assistencia, educação e instrucção profissional de crianças desvalidas, os dois Institutos só poderão receber crianças desamparadas, de preferencia ás que lhe forem enviadas pelo Instituto Ferreira Vianna, e, em seguida, as orphãs de pai e mãe, nascidas no Districto Federal, as orphãs de pai e aquellas cujos pais sejam invalidos ou interditos, contanto que residam ou tenham residido no Districto Federal.

Art. 32. Sendo o principal fim dos dois Institutos preparar operários sãos, bem educados e instruidos, sua organização

e regimen interno devem obedecer precisamente a esse fim, para que os alumnos não se sintam mais tarde deslocados no meio social onde têm de viver e trabalhar.

Art. 33. A admissão de alumnos será feita por ordem do Prefeito, mediante requerimento com o nome do candidato por extenso, sua idade, naturalidade e filiação, bem como o nome e residencia do requerente.

§ I. A este requerimento deverão ser juntos attestados e documentos que provem estar o candidato nas condições de ser admittido.

§ II. Não serão admittidos menores que soffram de doenças contagiosas ou tenham defeito physico que os inibam de seguir com proveito o apprendizado profissional.

§ III. Todos os candidatos á admissão serão préviamente examinados pelo medico do estabelecimento.

Art. 34. Nos institutos profissionais as aulas e trabalhos de officinas se iniciarão a 21 de Janeiro e se encerrarão a 30 de Novembro. Os exames terão começo no dia 1 de Dezembro, seguindo-se-lhes um periodo de férias, durante o qual só poderão ficar no estabelecimento os menores completamente desamparados que não tenham parentes ou pessoa que por elles se interesse.

Art. 35. O ensino será ministrado em dous cursos: de adaptação e profissional, que funcionarão parallelamente.

Art. 36. No Instituto «João Alfredo», o plano de estudos no curso de adaptação será igual ao adoptado nas escolas profissionais masculinas, com os seguintes accrescimos:

- a) ensino de musica vocal e instrumental;
- b) ensino de gymnastica e exercicios militares;
- c) ensino primario elementar e médio para os alumnos que delle carecerem.

§ I. Além dos professores e adjuntos a que se refere o art. 7.º, terá o Instituto «João Alfredo» um professor de gymnastica e exercicios militares, um professor de musica, um professor de instrucção primaria elementar e tantos adjuntos para estas duas ultimas disciplinas quanto se tornarem necessarios, observado o disposto no § II do art. 7.º.

§ II. Durante o primeiro anno de permanencia no instituto todos os alumnos são obrigados a exercicios de modelagem e de jardinagem, realizando-se estes ultimos pela manhã, bem como a trabalhos manuaes, realizados de accôrdo com o programma das escolas primarias.

Art. 37. No Instituto «Orsina da Fonseca» o curso de adaptação abrangerá as materias constantes dos programmas das classes elementar e média das escolas primarias.

Paragrapho unico. Este ensino será dado por uma professora e tantas adjuntas quantas se tornarem necessarias, observado o disposto no § I do art. 7.º.

Art. 38. O ensino profissional nos dous institutos obedecerá ás mesmas normas estabelecidas para este ensino nas escolas profissionais.

§ I. O Instituto «João Alfredo» terá as seguintes secções:

- a) trabalhos em madeira (carpinteiro, marceneiro, torneiro e entalhador);
- b) trabalhos em metal (ferreiro, serralheiro, caldeireiro, torneiro-mecanico e ajustador);
- c) trabalhos em folha de metal (latoeiro, funileiro, chumbeiro, encanamentos e installações sanitarias);
- d) trabalhos em tinta e estuque (pintores, decoradores, fiadores, estucadores);
- e) trabalhos em tijolo, pedra e cimento (pedreiros e canteiros);
- f) trabalhos em couro (sapateiros, corrieiros, etc.);
- g) trabalhos em palha, vime e bambú (empalhador, chapeleiro, cesteiro);
- h) electro-technica (electricistas, installadores de luz e força, constructores de dynamos, pilhas, accumuladores, apparatus telephonicos, telegraphicos, etc.);
- i) trabalhos ruraes (jardineiro, hortelão, pomicultor).

§ II. No Instituto «Orsina da Fonseca» funcionarão as seguintes secções:

- a) costuras (corte e feitiço de roupas para crianças);
- b) costura (corte e feitiço de roupas brancas grosseiras e de roupas de uso para operarios adolescentes e adultos);
- c) cozinha;
- d) lavagem e engommado;
- e) copa e arranjos de casa.

§ III. Durante o primeiro anno de frequencia no instituto feminino, todas as alumnas se exercitarão em trabalhos elementares de agulha.

Art. 39. No Instituto «João Alfredo» poderá ser permitida a matricula de alumnos externos, em uma ou mais officinas, quando dahi não resultar perturbação da ordem ou disciplina.

Art. 40. Anexo ao Instituto «Orsina da Fonseca», no mesmo edificio e subordinado á mesma direcção, funcionará um externato profissional feminino.

§ I. As aulas e officinas do internato serão completamente separadas das do externato, não se permitindo a minima communicação entre alumnas internas e externas.

§ II. O externato terá um curso de adaptação e um curso profissional com uma secção commercial, organizada de accordo com o disposto no art. 14.

§ III. Para a matricula no externato do Instituto «Orsina da Fonseca» serão observadas as prescripções do art. 16.

A posse do novo governo

Revestiu-se de grande solennidade o acto da posse dos srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues, que se realizou a 1.º de Maio, ás 13 horas, no recinto da Camara dos Deputados.

Para prestar as continencias da pragmatica, formou, extendida em linha, desde o largo da Sé até ao edificio do Congresso, toda a força policial disponível, sob o commando do coronel Baptista da Luz.

Os novos presidente e vice-presidente do Estado foram recebidos á porta do Congresso por uma commissão, composta dos senadores Lacerda Franco e Virgilio Rodrigues Alves e dos deputados Mario Tavares, Gabriel Junqueira e Julio Prestes.

Os altos funcionarios, o sr. embaixador de Portugal, o sr. arcebispo metropolitano, o corpo consular, ministros do Tribunal de Justiça, vereadores municipaes, juizes de Direito, promotores publicos e outros convidados foram recebidos por uma commissão constituida dos srs. Joaquim Moraes, dr. Horacio Gonçalves Pereira, dr. Afonso Luzzi, Antonio Carlos da Fonseca e Mario Egydio de Oliveira Carvalho.

Aberta a sessão solemne, o sr. presidente declarou que o Congresso Legislativo ia deferir o compromisso e investir na posse dos seus cargos o presidente e o vice-presidente do Estado, eleitos para o quadriennio de 1916 - 1920.

Recebidos á porta do Congresso pelos srs. congressistas, os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues foram conduzidos para o recinto, onde tomaram assento, o primeiro á direita e o segundo á esquerda do sr. presidente do Congresso.

O sr. presidente declarou que os srs. presidente e vice-presidente eleitos do Estado iam prestar compromisso.

Todos os congressistas e convidados se levantaram e os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues prestaram successivamente o compromisso constitucional, pronunciando as seguintes palavras:

«Prometto cumprir e fazer cumprir a Constituição Federal e a do Estado, observar as leis e desempenhar com patriotismo e lealdade as funcções do meu cargo».

O sr. presidente do Congresso declarou empossados no cargo de presidente do Estado de S. Paulo o sr. dr. Altino Arantes Marques, advogado, residente na capital, e no de vice-presidente o sr. dr. Antonio Candido Rodrigues, lavrador, tambem residente na capital.

A banda de musica executou nesse momento o Hymno Nacional e as bandas de clarins, cornetas e tambores a marcha batida.

Depois, assignado o termo de compromisso, pela mesa do Congresso e pelos novos presidente e vice-presidente, estes se retiraram, com as formalidades com que foram recebidos.

As forças prestaram-lhes as continencias da ordenança e o cortejo de carruagens poz-se em movimento, em direcção ao palacio do governo, até onde os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues foram acompanhados pelos srs. congressistas e mais pessoas que assistiram á solemnidade da posse.

Os srs. drs. Altino Arantes e Candido Rodrigues receberam hontem numerosos telegrammas de felicitações pela posse de ss. excs. no governo.

Por igual motivo, receberam tambem muitos cumprimentos os srs. secretarios de Estado.

Na mensagem apresentada pelo exmo. sr. dr. Rodrigues Alves ao exmo. sr. dr. Altino Arantes, disse S. Exa.:

«SR. PRESIDENTE:

Congratulando-me com o Estado de São Paulo pela posse de vosso governo, apraz-me afirmar, de accordo com o sentimento geral da população, que é de grandes esperanças o periodo administrativo, que hoje se inaugura. Tendo tido a honra de vossa collaboração na quasi totalidade do quadriennio, que ora finda, estaria dispensado de vos dar informações do estado dos negocios publicos, si não devesse prestar essa homenagem ao Estado, que me tem honrado com a sua confiança em todas as phases de minha vida publica. Será, aliás, uma brevisima mensagem de saudações e despedida.

Desde que se accentuaram as difficuldades oriundas da guerra européa, comprehenderam todos os responsaveis pela administração publica, que era preciso instituir um regimen de severa economia e executal-o com verdade. Não era licito recuar que, adoptando essa conducta, pudesse ficar entorpecido o desenvolvimento do Estado, quando os grandes serviços publicos

estão organizados e as suas forças productoras têm revelado uma ancia de expansão e uma resistência, que provocam satisfação e orgulho.

Ha, nesta parte da Republica, no actual momento, e a despeito dos entraves que affectam as condições do trabalho no mundo inteiro, uma actividade que nos faz honra; e, mantido aquelle programma sem hesitações, não haverá solução de continuidade no progresso do Estado, serão vencidas todas as difficuldades; e, ainda uma vez, ficará assignalado quanto a ordem, o trabalho e a economia fazem bons os governos e proveitosas as administrações.

Os elementos são favoráveis para uma excellente expectativa. Não ha obras novas iniciadas; as que, sem inconveniente podiam ser adiadas ou sustadas em seu andamento, o foram resolutamente.»

«Do movimento da receita e despesa do anno findo, verifica-se que a receita ordinaria foi orçada em 65.655:000\$000 e a extraordinaria em 8.850:000\$000; tendo sido arrecadada da receita ordinaria a quantia de 70.454:774\$565 ou mais 4.479:774\$565 do que a orçada, e da receita extraordinaria a quantia de 7.762:557\$000, apura-se um augmento de 5.412:551\$565 sobre a receita orçada.

A despesa attingiu á somma de 92:656:445\$554. Comparadas as sommas da receita e despesa, vê-se que o deficit foi de 44.759:412\$169, quando em 1914 esse deficit se elevou a 54.448:457\$259, e em 1913 a 54.750:259\$889. Si do deficit verificado em 1915, for deduzida a quantia de 9.465:633\$136, despendida com os serviços extraordinarios da captação das aguas do Cotia e do prolongamento da Sorocabana, que foram custeados pela renda ordinaria, a differença entre a receita arrecadada em 1915 e a despesa propriamente orçamentaria será de 5.295:479\$055, comprehendidas as despesas extraordinarias motivadas pela baixa do cambio e juros da divida fluctuante.

E' lisonjelo este movimento, e, si não sobrevierem acontecimentos imprevistos, em muito pouco tempo, talvez durante o exercicio corrente, o pequeno deficit terá desaparecido».

«Os serviços publicos, principalmente os que se referem á instrucção publica, á hygiene, á força publica, á agricultura e ás obras em geral, estão funcionando com ordem e boa direcção. Em occasião opportuna tereis das respectivas Secretarias informações completas quanto ao seu desenvolvimento.

O Estado goza de uma tranquillidade perfeita. As eleições realizadas no dia 2 de fevereiro para a constituição da legisla-

tura actual e a de 4.º de março para a eleição de presidente e vice-presidente do Estado, correram calma e regularmente. Nenhum incidente as perturbou.

Está, portanto, S. Paulo aparelhado para continuar a exercer na Federação o papel indicado pelo valor de suas condições economicas, comprehensão dos deveres constitucionaes que lhe cabem no regimen republicano e prestigio dos homens politicos que o dirigem».

Lê-se no *Correio Paulistano* de 7 do corrente:

Instrucção publica

O director da Instrucção Publica recebe uma significativa manifestação de apreço dos directores de grupos escolares.

Com a transmissão do governo do Estado e a entrada do sr. dr. Oscar Rodrigues Alves para a pasta do Interior, todos os funcionarios que exerciam cargos de confiança nas repartições subordinadas a essa Secretaria solicitaram exoneração ao novo titular.

O dr. João Chrysostomo dos Reis Junior, director da Instrucção Publica, foi, porem, conservado no seu elevado posto em attenção aos muitos e inestimaveis serviços que vem prestando ao Estado na direcção daquelle importante departamento da administração.

O que tem sido a benéfica influencia de seu culto espirito no ensino publico dizem-nos as estatisticas ultimamente publicadas, attesta-o o ultimo relatorio de s. s., em que, a par do carinho que mostra dedicar á instrucção, evidentemente se patenteia o seu vivo interesse em melhorar as condições do professorado sob sua superintendencia, obtendo, ao mesmo tempo, um augmento progressivo da matricula e da frequencia nas escolas.

Os directores dos grupos escolares da capital e todos os seus auxiliares, tendo uma nitida comprehensão do quanto devem ao seu digno chefe, resolveram prestar hontem uma justa homenagem ao dr. João Chrysostomo, afim de exprimir-lhe a satisfação que experimentam por vel-o ainda investido da elevada função com que o honrou, quando secretario, o sr. dr. Altino Arantes, e na qual muito ha de ainda servir o magisterio paulista.

Os manifestantes foram, ás 14 horas, á Directoria da Instrucção Publica, á rua do Ypiranga, onde o dr. João Chrysostomo foi saudado pelo professor sr. Frontino Guimarães.

Dr. João Kopke

Ha alguns dias que a nossa Capital tem a honra de hospedar o provector educacionista Dr. João Kopke que tem sido muito visitado.

S. s. está realizando no salão nobre do Jardim da Infancia uma série de conferencias em que a primeira teve por titulo — Educação Moral e Cívica.

O provector professor correspondeu cabalmente á geral expectativa, convido accentuar que essa expectativa era das mais sympathicas.

E não é de admirar que o numeroso e escolhido auditorio corresse com applausos unanimes o seu brilhante trabalho, attendendo-se a superior posição que o illustre pedagogista conquistou entre os que se dedicam ao estudo do magno problema do ensino.

A sua conferencia sobre a Educação Moral e Cívica merecia realmente as calorosas palmas que a assistencia lhe dispensou.

Foram ouvir a palavra autorizada do dr. João Kopke sobre o assumpto os srs. drs. Altino Arantes, presidente do Estado; e Oscar Rodrigues Alves, secretario do interior. Estiveram tambem presentes o dr. João Chrysostomo, inspector geral da instrucção publica; dr. Oscar Thompson, director da Escola Normal; dr. Freitas Valle, presidente da commissão de instrucção publica da camara dos deputados; lentes e professores de varios estabelecimentos de ensino, diversos inspectores escolares e tantas outras pessoas que se interessam pelas questões pedagogicas.

Uma bella idéa

Do illustre collega, sr. professor Luiz Correia Soares de Araujo, digno director do grupo escolar «Frei Miguelinho», da Capital do Rio Grande do Norte, recebemos a circular abaixo, que contém uma bella iniciativa, digna de ser imitada.

Transcrevendo a, queremos com ella honrar as columnas da «Revista de Ensino», prestando, ao mesmo tempo, uma homenagem áquelle digno educador.

«Directoria do Grupo Escolar «Frei Miguelinho», no bairro do Alecrim, em Natal, 20 de Março de 1916.

Circular n. 6.

Illm.º Senhor :

Temos a grande satisfação de communicar-vos que, no dia 4.º do corrente, foi installada, neste Grupo Escolar, uma Associação Cooperativa e de Mutualidade, tendo por fim amparar as

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu organo ; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, queiram fazel-o para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*.

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, pode ser enviada em valle postal ou em sellos do correio.